

DO ARQUÉTIPO À CULTURA: PROPOSTA DE UM BARALHO DE TAROT PORTUGUÊS

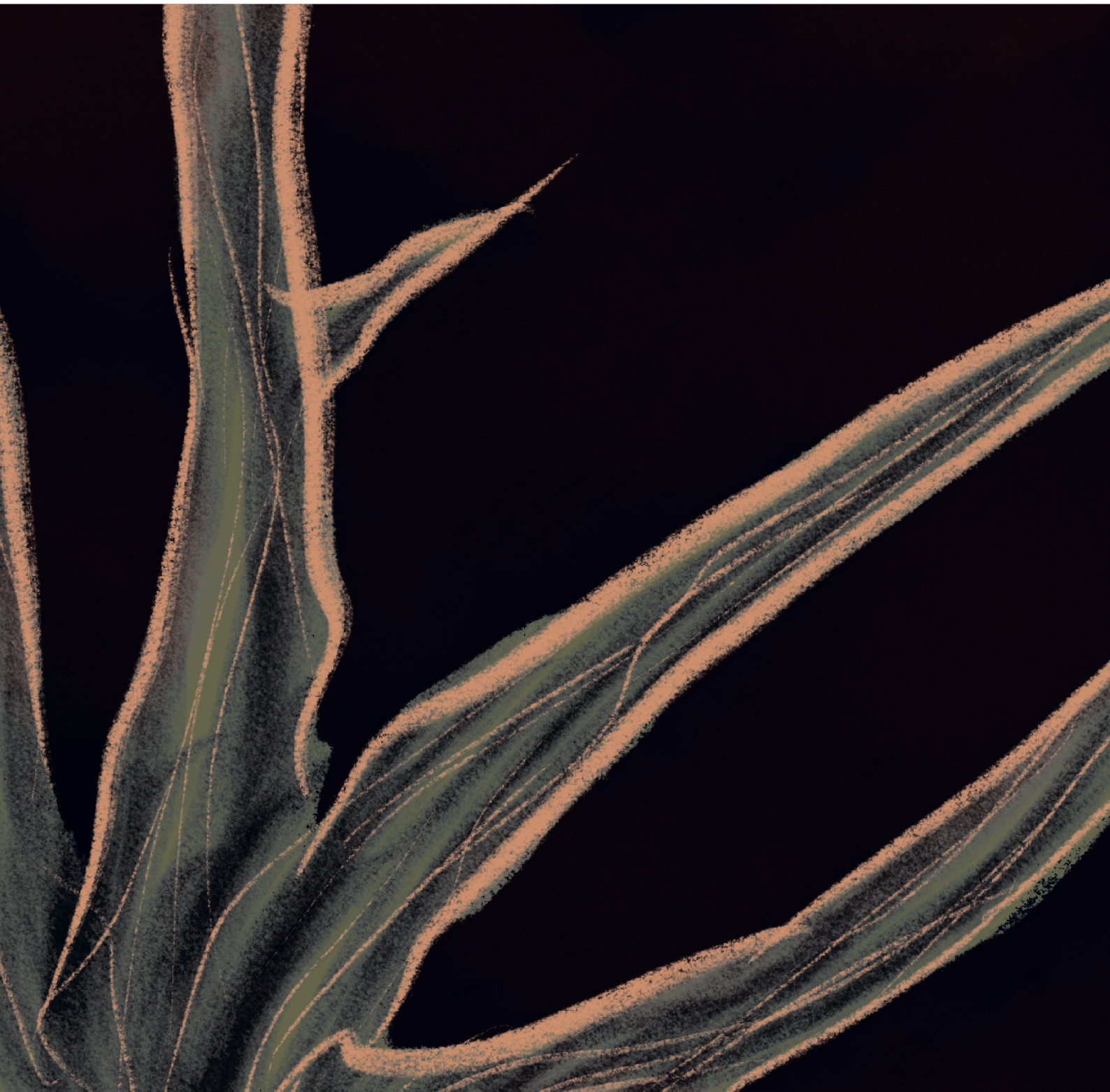
ESAD 2025 | Mestrado | Design de Comunicação

Orientador

José Manuel Saraiva

Designer/Ilustradora

Ana Santos



DO ARQUÉTIPO À CULTURA:

PROPOSTA DE UM BARALHO DE TAROT PORTUGUÊS

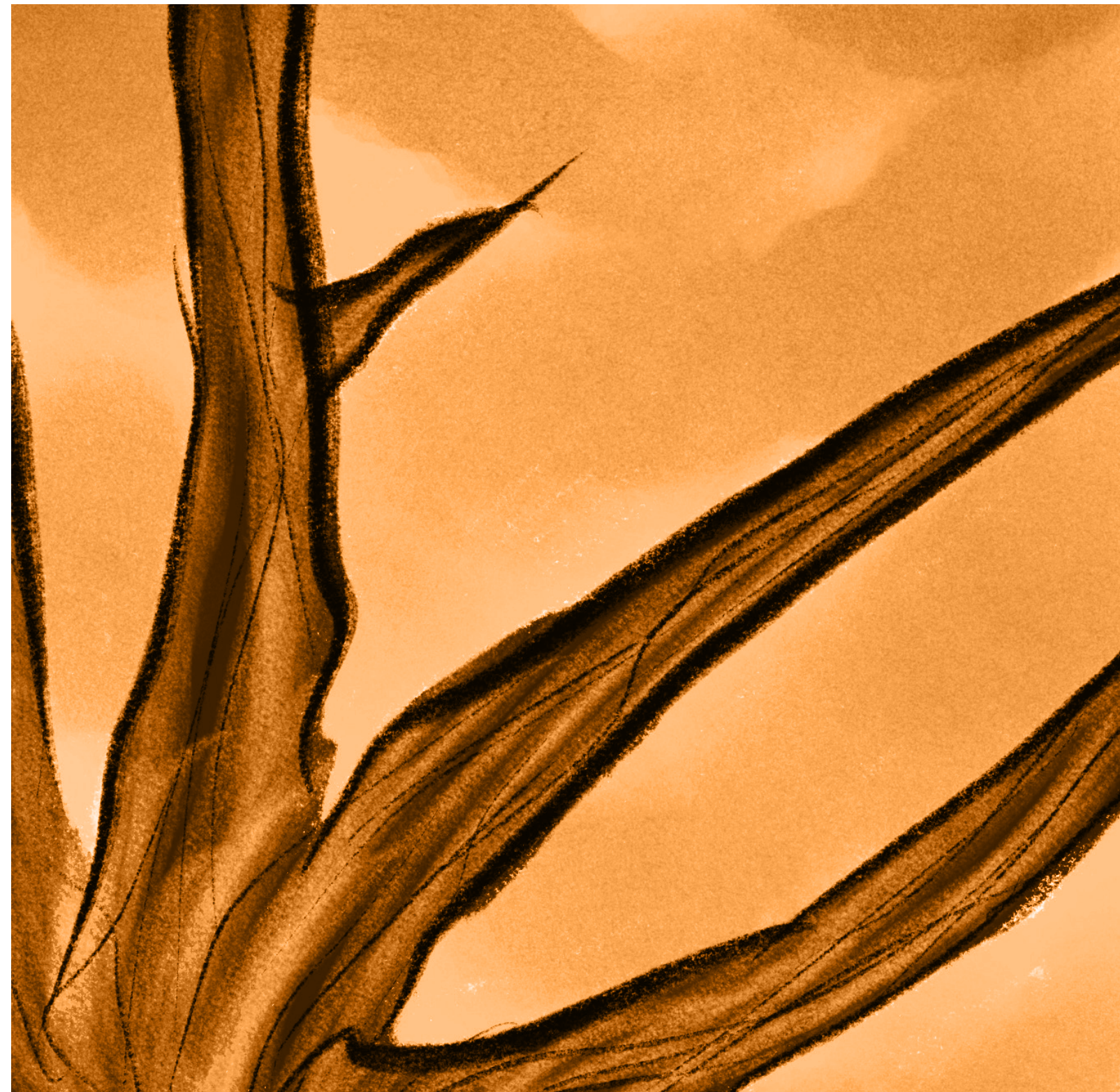
ESAD 2025 | Mestrado | Design de Comunicação

Orientador

José Manuel Saraiva

Designer/Ilustradora

Ana Santos



► AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão ao Professor José Saraiva, pelo apoio constante, orientação atenta e disponibilidade ao longo de todo o desenvolvimento deste projeto, cuja supervisão foi determinante para a concretização deste trabalho.

Agradeço à minha amiga Beatriz Soeiro, pela generosidade em disponibilizar os seus baralhos de tarot, fundamentais para o aprofundamento da análise qualitativa, bem como pelo empréstimo do livro *Tarot: The Library of Esoterica*, de Jessica Hundley, que constituiu uma valiosa referência teórica e prática durante a investigação.

O meu reconhecimento estende-se também às minhas amigas Beatriz Ferreira e Joana Azinhais, pelo acompanhamento dedicado, pela revisão criteriosa do relatório e, acima de tudo, pelo apoio emocional que me encorajou a prosseguir e a superar os momentos de dificuldade.

Por fim, deixo um especial agradecimento aos meus pais, cujo incentivo, confiança e apoio incondicional foram fundamentais para que pudesse concretizar este percurso académico e alcançar a realização deste mestrado.

► RESUMO

Este projeto propõe a criação de um baralho de tarot inspirado na cultura portuguesa, centrado na concessão das vinte e duas cartas do *Arcano Maior* e no desenvolvimento de um manual guia complementar. A problemática principal emerge da inexistência de um tarot que represente, de forma abrangente, o imaginário português, apesar da riqueza simbólica, histórica e mitológica do património nacional.

A investigação partiu da intenção de compreender como o tarot, enquanto artefacto simbólico e narrativo, pode integrar elementos identitários específicos sem comprometer a sua coerência estrutural e interpretativa.

Reconhecendo o tarot como um sistema visual que convoca arquétipos universais, entendeu-se que o design de comunicação constitui um mediador privilegiado na renovação e recontextualização deste objeto, articulando ilustração, composição, narrativa visual e projeto editorial num único artefacto gráfico. A análise de baralhos culturalmente orientados forneceu bases sólidas para a definição das escolhas iconográficas, cromáticas e conceptuais adotadas, permitindo identificar lacunas relativas à representação da identidade portuguesa.

Este projeto, de cariz artístico, de ilustração e editorial, demonstra o potencial do tarot enquanto ferramenta cultural, simbólica e criativa, propondo uma abordagem que valoriza e amplifica o património português através do design de comunicação. Pretende-se, assim, contribuir para a reflexão sobre o papel do design na atualização de sistemas simbólicos tradicionais, na construção de artefactos culturais e na promoção de uma narrativa visual distintivamente portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE

Arcano Maior; Cultura Portuguesa; Design de Comunicação; Iconografia; Ilustração; Narrativa Visual; Património Cultural; Projeto Editorial; Simbolismo; Tarot

► ABSTRACT

This project proposes the creation of a tarot deck inspired by Portuguese culture, focusing on the design of the twenty-two *Major Arcana* cards and the development of a complementary guidebook. The main issue arises from the absence of a tarot deck that comprehensively represents the Portuguese imagination, despite the symbolic, historical, and mythological richness of the national heritage.

The research was driven by the aim of understanding how tarot, as a symbolic and narrative artifact, can integrate specific cultural elements without compromising its structural and interpretative coherence.

Recognizing Tarot as a visual system that invokes universal archetypes, it was understood that communication design serves as a privileged mediator in the renewal and recontextualization of this object, integrating illustration, composition, visual narrative, and editorial design into a single graphic artifact. The analysis of culturally oriented decks provided a solid foundation for defining the iconographic, chromatic, and conceptual choices adopted, allowing gaps in the representation of Portuguese identity to be identified.

This project, of an artistic, illustrative, and editorial nature, demonstrates the potential of tarot as a cultural, symbolic, and creative tool, proposing an approach that values and amplifies Portuguese heritage through communication design. The project thus aims to contribute to the reflection on the role of design in updating traditional symbolic systems, creating cultural artifacts, and promoting a visual narrative that is distinctively Portuguese.

KEYWORDS

Communication Design; Cultural Heritage; Editorial Project; Iconography; Illustration; *Major Arcana*; Portuguese Culture; Symbolism; Tarot; Visual Narrative

► ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
Índice	IV
Índice de Imagens	V
Introdução	17
Estrutura do Relatório	21
Capítulo I: A Origem do Tarot na História	25
. Os Arquétipos	30
. Os Primeiros Baralhos de Tarot	32
Capítulo II: Análise Qualitativa de Doze Baralhos	36
. Caso de Estudo de Baralhos Clássicos	38
. Caso de Estudo de Baralhos Contemporâneos	46
. Considerações Finais da Análise Qualitativa	60
Capítulo III: Componente Empírica	66
. Metodologia de Estudo	68
. Processo de Ilustração das Cartas	72
. Integração de contos, mitos e Símbolos Portugueses	74
. Exposição dos Resultados Finais	76
. As Cartas	78
. O Manual Guia	82
Capítulo IV: Conclusões e Investigação Futura	130
Referências Bibliográficas	134

► ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 — Tabela apresentada no livro <i>A Cultural History of Tarot</i> , da professora Helen Farley, que representa os símbolos de naipes específicos nas regiões no tarot e no jogo das cartas comuns (2009, p. 7)	26
Figura 2 — Carta <i>The Sun</i> do baralho <i>Visconti-Sforza</i> , “pintado por um artista desconhecido (frequentemente atribuído ao miniaturista renascentista Antonio Cicognaro)” (Bartlett, 2021, p. 62, tradução livre)	32
Figura 3 — Carta <i>Trump XXI, The World (Arcano XXI, O Mundo)</i> do baralho <i>Sola-Busca</i> (Bartlett, 2021, p. 62)	33
Figura 4 — "Hans Memling. Madonna (detail). 1487. Bruges" (Bazin, 1962, p. 227)	35
Figura 5 — Carta <i>The Sun</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	39
Figura 6 — Carta <i>2 of Swords</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	40
Figura 7 — Carta <i>3 of Swords</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	40
Figura 8 — Carta <i>7 of Wands</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	40
Figura 9 — Carta <i>8 of Wands</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	40
Figura 10 — Carta <i>8 of Disks</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	40
Figura 11 — Carta <i>9 of Disks</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	40
Figura 12 — Carta <i>10 of Disks</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	41
Figura 13 — Carta <i>2 of Cups</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	41
Figura 14 — Carta <i>3 of Cups</i> do baralho <i>Thoth Tarot</i>	41

Figura 15 — Carta <i>The Fool</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot Deck</i>	43	Figura 28 — . Carta <i>0 (The Fool)</i> do baralho <i>Book of Shadows—So Below</i>	51
Figura 16 — Carta <i>10 of Swords</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot Deck</i>	45	Figura 29 — . Carta <i>III (The Goddess)</i> do baralho <i>Book of Shadows—As Above</i>	52
Figura 17 — Carta <i>7 of Wands</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot Deck</i>	45	Figura 30 — . Carta <i>III (The Empress)</i> do baralho <i>Book of Shadows—So Below</i>	52
Figura 18 — Carta <i>10 of Cups</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot Deck</i>	45	Figura 31 — . Conjunto das múltiplas cartas do baralho <i>Trionfi della Luna</i>	53
Figura 19 — Carta <i>6 of Pentacles</i> do baralho <i>Smith-Waite Centennial Tarot Deck</i>	45	Figura 32 — . Conjunto das múltiplas cartas do baralho <i>Trionfi della Luna</i>	54
Figura 20 — Carta <i>VIII</i> do baralho <i>Tarot de Mucha</i>	46	Figura 33 — . Carta <i>Le Bateleur (O Mágico)</i> do baralho <i>Ancien Tarot Marseille</i>	55
Figura 21 — Cartaz para o papel de cigarro “Job”, de 1896 (Müller, 2023, p. 43)	47	Figura 34 — . Carta <i>The Fool (O Louco)</i> do baralho <i>Eldritch Overload</i>	56
Figura 22 — Carta <i>VI (The Lovers)</i> do baralho <i>Golden Art Nouveau Tarot</i>	48	Figura 35 — . Spread das primeiras páginas do livro, <i>Maximalism : the graphic design of decadence & excess</i> (Rivers, 2004)	58
Figura 23 — Carta <i>XX (Judgement)</i> do baralho <i>Golden Art Nouveau Tarot</i>	48	Figura 36 — . Spread das primeiras páginas do livro, <i>Maximalism : the graphic design of decadence & excess</i> (Rivers, 2004)	58
Figura 24 — “Donatello. Anunciação. Em S.Croce, Florence. Mármore. Por volta de 1435” (Bazin, 1962, p. 235, trad. OpenAI)	49	Figura 37 — . Cartas <i>Sacred Clown (Palhaço Sagrado)</i> e <i>The Starman (O Homem das Estrelas)</i> do baralho <i>Starman Tarot</i>	59
Figura 25 — “Ghiberti. Josué atravessando o Jordão e a queda de Jericó. Painel do Ferta del Paradise of the Baptistery, Florence” (Bazin, 1962, p. 234, trad. OpenAI)	49	Figura 38 — . Cartas <i>The Magician (O Mago)</i> e <i>The High Priestess (A Alta Sacerdotisa)</i> do baralho <i>Cosmic Tarot</i>	59
Figura 26 — Carta <i>Chariot (Carroça)</i> do baralho <i>The Shadowland Tarot</i>	50	Figura 39 — . Tabela da análise qualitativa dos baralhos de Tarot	65
Figura 27 — Carta <i>0 (The Summerlands)</i> do baralho <i>Book of Shadows—As Above</i>	51		

Figura 40 — . Gravura do traje serrano de S. Silvestre da Ermida, na Serra da Amarela (Peixoto, 1990, pp. 222–270)	68	Figura 55 — . Carta, <i>O Patriarca</i>	95
Figura 41 — . Carta <i>O Pastor</i> , a primeira tentativa ilustrativa no projeto.	69	Figura 56 — . Carta, <i>O Padre</i>	96
Figura 42 — . Carta <i>O Pastor</i> , o primeiro esboço	70	Figura 57 — . Carta, <i>Os Amantes</i>	99
Figura 43 — . A primeira tentativa de desenho estático do <i>Pastor</i> .	70	Figura 58 — . Carta, <i>A Carroça</i>	100
Figura 44 — . esboço estático do <i>Pastor</i>	71	Figura 59 — . Carta, <i>A Força</i>	103
Figura 45 — . Processo final da ilustração da carta do <i>Pastor</i> .	71	Figura 60 — . Carta, <i>A Lenda</i>	104
Figura 46 — . Processo das paisagens nas cartas e a harmonia do desenho.	73	Figura 61 — . Carta, <i>A Roda da Fortuna</i>	107
Figura 47 — . Gravura da capa das honras: o caputo e a honra (Peixoto, 1990, pp. 222–270)	74	Figura 62 — . Carta, <i>A Justiça</i>	108
Figura 48 — . Aproximação do padrão da manta da carta <i>A Mãe</i>	74	Figura 63 — . Carta, <i>O Pendurado</i>	111
Figura 49 — . Ilustração do <i>Regicídio de Lisboa</i> publicada pelo Le Petit Journal em 1908	75	Figura 64 — . Carta, <i>A Morte</i>	112
Figura 50 — . Exposição das cartas do baralho português	80–81	Figura 65 — . Carta, <i>A Temperança</i>	115
Figura 51 — . Carta, <i>O Pastor</i>	87	Figura 66 — . Carta, <i>A Tentação</i>	116
Figura 52 — . Carta, <i>O Baptismo</i>	88	Figura 67 — . Carta, <i>A Torre</i>	119
Figura 53 — . Carta, <i>A Santa</i>	91	Figura 68 — . Carta, <i>A Estrela</i>	120
Figura 54 — . Carta, <i>A Mãe</i>	92	Figura 69 — . Carta, <i>A Lua</i>	123
		Figura 70 — . Carta, <i>O Sol</i>	124
		Figura 71 — . Carta, <i>O Julgamento</i>	127
		Figura 72 — . Carta, <i>O Mundo</i>	128

► INTRODUÇÃO

O tarot, derivado do termo italiano *tarocchi*, constitui um sistema simbólico composto por setenta e oito cartas e amplamente reconhecido como uma das ferramentas divinatórias mais influentes no esoterismo contemporâneo. Para além do seu uso como método oracular, no qual as cartas são embaralhadas e interpretadas segundo diferentes abordagens, o tarot tem sido utilizado como instrumento meditativo, dispositivo de introspeção e alfabeto simbólico para práticas ocultistas e herméticas (Greer, 2004, p. 465–466). Estruturalmente, o baralho divide-se tradicionalmente em vinte e dois *Arcanos Maiores*, que representam arquétipos fundamentais, e cinquenta e seis *Arcanos Menores*, distribuídos entre quatro naipes que remetem para estruturas semelhantes às cartas de jogar contemporâneas (ibid., 2004, p. 465–466).

O presente relatório tem como objeto de estudo o desenvolvimento de um baralho de tarot inspirado na cultura portuguesa, com enfoque exclusivo na concessão das vinte e duas cartas do *Arcano Maior* e na elaboração de um manual guia que complemente a interpretação visual e simbólica do conjunto. Este projeto parte do pressuposto de que o tarot, enquanto artefacto icónico e simbólico, comporta uma grande plasticidade conceptual e estética, oferecendo terreno fértil para uma exploração interseccional entre design de comunicação, ilustração e património cultural.

A motivação deste estudo emerge de um interesse pessoal prolongado por temáticas esotéricas e pela riqueza simbólica do tarot, compreendido enquanto sistema que convoca narrativas, iconografias e universos arquetípicos. O seu cruzamento com o design gráfico revela-se particularmente estimulante, dado que a prática projetual permite recontextualizar linguagens visuais e simbólicas em função de identidades culturais específicas. Neste sentido, a pertinência da investigação reside na intenção de compreender de que forma a integração de elementos culturais e históricos portugueses — desde iconografias medievais, referências mitológicas e tradições contemporâneas — pode contribuir para uma renovação estética e simbólica do tarot, mantendo simultaneamente a coerência funcional e interpretativa do sistema original (Mattoso, 1993).

Para fundamentar esta proposta, recorre-se a autores de referência do universo do tarot, como Arthur E. Waite e Aleister Crowley, cujas obras foram determinantes para a consolidação contemporânea do simbolismo tarológico; a estudos de historiadores e investigadores do oculto, nomeadamente Bazin (1962), Farley (2009) e Greer (2004); e a bibliografia especializada em história da ilustração, história de arte e do design gráfico, incluindo Doyle (2019), Bazin (1962) e Eskilson (1964). Estas fontes permitem enquadrar historicamente o objeto, compreender o seu simbolismo estruturante e sustentar as opções conceptuais e gráficas adotadas no âmbito deste projeto.

Os objetivos desta investigação consistem em: (1) desenvolver uma proposta visual original para o *Arcano Maior* baseada na cultura portuguesa; (2) elaborar um manual guia que articule os significados das cartas com os símbolos incorporados; e (3) refletir sobre o papel do design gráfico enquanto mediador cultural e reinterpreta de sistemas simbólicos universais. Neste contexto, levantam-se questões centrais como: de que modo a ilustração pode incorporar elementos culturais específicos sem comprometer a legibilidade e a função tradicional do tarot? Como pode o design contribuir para a atualização e reinterpretação de práticas simbólicas e esotéricas? E até que ponto a integração de referências culturais reforça — ou transforma — a experiência do utilizador na interação com o baralho?

Assim, ao situar-se entre a prática projetual, o estudo simbólico e o repertório cultural português, este projeto procura não só produzir um objeto gráfico funcional e conceptualmente coerente, mas também contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a capacidade do design de comunicação para revitalizar e recontextualizar narrativas simbólicas tradicionais.

► ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Este relatório encontra-se organizado em capítulos que acompanham o percurso conceptual, metodológico e prático do projeto, articulando a revisão teórica com o desenvolvimento empírico e criativo da proposta de design. A sua estrutura visa dar resposta às questões orientadoras da investigação, fundamentando o processo projetual em fontes académicas e práticas de referência, bem como refletindo criticamente sobre os resultados obtidos.

O primeiro capítulo corresponde à revisão da literatura, na qual se procede ao enquadramento teórico do tema. Esta secção contempla a análise da história do tarot e da sua função simbólica no contexto esotérico, com base em autores como Farley (2009), Hundley (2020) e Greer (2004), bem como a discussão dos arquétipos associados ao *Arcano Maior*, com referência aos contributos de Jung (1968) e Farley (2006). É igualmente abordada a relação entre o tarot e as práticas artísticas e culturais, fundamentada nas reflexões de Hundley (2020), Greer (2004) e Bartlett (2021). Paralelamente, realiza-se uma análise dos primeiros baralhos que incorporam referências culturais específicas, como os estudados por Farley (2009), Bartlett (2021), Hill (1996) e O'Grady (2017). Este enquadramento teórico permite identificar o que tem sido amplamente explorado no campo do tarot e, simultaneamente, reconhecer lacunas relativamente à representação de identidades culturais específicas, nomeadamente a portuguesa, oferecendo assim a base conceptual para a proposta deste projeto.

O segundo capítulo apresenta o estudo de casos e o desenvolvimento metodológico do projeto. Inicialmente, descreve-se a metodologia adotada, baseada na análise visual e comparativa de baralhos considerados relevantes, com o objetivo de compreender as suas abordagens iconográficas, técnicas de ilustração, escolhas cromáticas e fundamentação cultural. Esta componente empírica inclui ainda a observação do contexto histórico e simbólico de cada baralho analisado, assim como a identificação dos princípios estruturais, formais e narrativos que se revelaram pertinentes para a construção do baralho proposto.

Seguidamente, apresenta-se o processo criativo e técnico da elaboração das vinte e duas cartas do *Arcano Maior*, evidenciando os esboços preliminares, as opções estéticas e simbólicas, as referências à cultura portuguesa e as decisões relacionadas com a cor, composição e iconografia. Esta secção contempla ainda a reflexão sobre as alterações feitas ao longo do desenvolvimento — como a mudança de linguagem visual na carta *A Morte* para reforçar a dimensão simbólica e emocional da representação — e a justificação da adaptação de determinados títulos das cartas para melhor corresponder à identidade cultural e visual proposta.

Adicionalmente, descreve-se a concessão do manual guia, destacando a seleção das fontes consultadas e o processo de adaptação dos significados tradicionais às novas representações gráficas. O capítulo encerra com a apresentação das cartas finais e das descrições integradas no manual, constituindo uma síntese do trabalho desenvolvido e dos resultados alcançados.

O capítulo final reúne as conclusões do estudo e perspetivas para investigação futura. Esta secção reflete sobre as principais aprendizagens obtidas ao longo do projeto, destacando as contribuições para o campo do design de comunicação, nomeadamente no que concerne à utilização do tarot enquanto objeto de mediação cultural e simbólica.

São igualmente discutidas as possíveis aplicações práticas do baralho e do modelo metodológico utilizado, bem como sugestões para futuras explorações, incluindo o desenvolvimento dos *Arcanos Menores*, a expansão do manual interpretativo e a investigação de novas abordagens narrativas e visuais relacionadas com identidades culturais. Por fim, são apresentados os limites do estudo, salientando-se aspetos como a restrição ao *Arcano Maior* e a natureza subjetiva das interpretações simbólicas, que poderão constituir pontos de aprofundamento em investigações futuras.

► CAPÍTULO I

A ORIGEM DO TAROT NA HISTÓRIA

A investigação sobre a origem do tarot permanece um dos temas mais debatidos nos estudos dedicados ao simbolismo e ao esoterismo ocidental. A pluralidade de teorias propostas ao longo dos séculos contribuiu para a persistente controvérsia entre historiadores, ocultistas e investigadores da cultura visual. Como observa Farley (2009), “as teorias sobre as origens do tarot são diversas, variando entre a sua criação no Antigo Egito por um sacerdócio misterioso e a sua evolução a partir de vários jogos então existentes” (p. 6, tradução livre). A autora sublinha que a interpretação do simbolismo do tarot depende diretamente da clarificação da sua génese, uma vez que “as implicações para a interpretação do simbolismo do tarot são significativas” (Farley, 2009, p. 6). A compreensão da natureza do tarot exige, portanto, uma análise histórica rigorosa que permita determinar se este se constituiu inicialmente como um instrumento esotérico ou como um mero objeto lúdico.

A necessidade de estabelecer uma “verdadeira proveniência” do tarot, segundo Farley (2009), decorre igualmente do facto de as imagens que hoje compõem o baralho terem perdido o sentido implícito que detinham no seu contexto original. A autora observa que, para o utilizador contemporâneo, símbolos como a figura esquelética da *Morte* montada a cavalo ou o *Enforcado* suspenso pelos pés deixaram de evocar associações imediatas, tornando imprescindível reconstruir o ambiente cultural da sua criação. Como explica: “Imagens que continham um significado implícito num certo contexto podem ter uma conotação alterada noutra” (Farley, 2009, p. 6). Tal circunstância reforça a importância de delimitar historicamente o baralho e a função para a qual foi concebido.

Os estudos históricos atuais apontam para o desenvolvimento do tarot a partir do baralho de jogar comum, amplamente difundido na Europa tardo-medieval. Farley (2009) demonstra que o tarot partilha com este baralho a mesma estrutura fundamental: quatro naipes compostos por cartas numeradas de 1 (Ás) a 10 e três figuras da corte. O baralho “regular”, como designado pela autora, contém cinquenta e duas cartas,

distribuídas por quatro naipes — *Copas, Paus, Ouros e Espadas*, nas versões italianas precursoras — que dariam origem às equivalências modernas (*Corações, Paus, Ouros e Espadas*). A partir desta base estrutural, o tarot distinguiu-se pelo acréscimo de vinte e um trunfos ordenados e de uma carta singular, o *Louco (Fool)*, ampliando o conjunto para setenta e oito cartas (Farley, 2009). A composição das cortes também divergiu: enquanto no baralho comum predominavam três figuras, o tarot passou a integrar quatro (*Valete, Cavaleiro, Rainha e Rei*). Farley (2009) destaca que a presença da *Rainha* é, historicamente, a verdadeira inovação, uma vez que muitos baralhos germânicos e suíços mantinham cortes exclusivamente masculinas (p. 8).

	CUPS	BATONS	COINS	SWORDS
ITALIAN	Coppe	Bastoni	Denari	Spade
ENGLISH	Hearts	Clubs	Diamonds	Spades
FRENCH	Coeur	Trèfle	Carreau	Picque
SPANISH	Copas (Cups)	Bastos (Batons)	Oros (Gold)	Espados
GERMAN	Herzen (Hearts)	Eicheln (Acorns)	Schellen (Bells)	Laube or Grüne (Leaves)
SWITZERLAND	Rosen (Roses)	Eicheln	Schellen	Schilten (Shields)

Figura 1 — Tabela apresentada no livro *A Cultural History of Tarot*, da professora Helen Farley, que representa os símbolos de naipes específicos nas regiões no tarot e no jogo das cartas comuns (2009, p. 7)

A evolução dos jogos de cartas contribuiu igualmente para a diversificação dos baralhos de tarot. Farley documenta variantes como o *Tarocchino* — composto por sessenta e duas cartas, resultado da omissão das cartas de 2 a 5 — e o *Minchiate Fiorentina*, que expandiu o número de trunfos ao integrar virtudes cardeais e teologais, os quatro elementos e os doze signos do Zodíaco, totalizando noventa e sete cartas (2009, pp. 7–8). Estas variantes revelam que o tarot nunca constituiu um sistema fixo na sua origem, mas antes um conjunto de possibilida-

des plásticas e lúdicas que evoluíram conforme contextos regionais, artísticos e sociais.

A articulação entre estes dados históricos e as investigações sobre técnicas gráficas da época permite situar o aparecimento do tarot num quadro mais amplo de transformações culturais europeias. Saraiva (2013, pp. 25–26) identifica a rápida difusão das cartas de jogar como um fenómeno diretamente associado ao avanço técnico da impressão, especialmente através da xilogravura, introduzida na Europa sob influência oriental. Segundo o autor, esta técnica terá permitido a circulação maciça de imagens entre populações maioritariamente iletradas, constituindo um dos primeiros exemplos de democratização visual (Meggs, 1998, como citado em Saraiva, 2013, pp. 25–26). O desenvolvimento posterior da gravura em metal, atribuída ao chamado “*Mestre das Cartas*”, permitiu um aumento significativo do detalhe iconográfico, contribuindo para a sofisticação dos primeiros baralhos ilustrados (Saraiva, 2013, pp. 26–27).

Neste enquadramento, Greer rejeita as teorias ocultistas que atribuem ao tarot uma origem egípcia, demonstrando o carácter fantasioso dessas narrativas, amplamente difundidas após as interpretações especulativas de Antoine Court de Gébelin no século XVIII. Como lembra o autor, Gébelin escrevia “mais de quarenta anos antes de os hieróglifos egípcios serem decifrados”, sendo os seus termos “pura invenção” (Greer, 2004, p. 466). A etimologia do termo tarot deriva, na realidade, de *tarocchi*, vocábulo italiano de sentido incerto associado a jogos de cartas renascentistas.

Greer situa a verdadeira origem do tarot na Itália do início do século XV, onde os baralhos importados do mundo árabe ganharam popularidade entre as cortes. Marziano da Tortona, secretário de Filippo Maria Visconti, criou um baralho que incluía divindades clássicas como figuras superiores, antecipando a lógica dos trunfos. Por volta de 1450, surgiram exemplares pintados à mão, como o baralho *Pierpont Morgan-Bergamo*, no qual já se encontram definidos o número e a ordenação aproximada dos trunfos. Toda a documentação contemporânea

demonstra que estes baralhos eram usados para jogar e não para adivinhação, função que só ganharia expressão a partir do século XVIII com figuras como *Etteilla* (Greer, 2004, p. 467).

Farley (2009) confirma esta leitura ao salientar que a introdução dos trunfos — o verdadeiro elemento inovador do tarot — e a sua iconografia variavam conforme a região, o artista e o propósito do baralho. Os trunfos listados pela autora — *Mago, Papisa, Imperatriz, Imperador, Papa, Enamorados, Carro, Força, Eremita, Roda da Fortuna, Justiça, Enforcado, Morte, Temperança, Diabo, Torre, Estrela, Lua, Sol, Julgamento e Mundo* — constituíram a matriz que viria a estabilizar-se gradualmente, embora com nomenclaturas e ordenações diversas ao longo da sua difusão europeia.

A investigação histórica contemporânea demonstra que o tarot emergiu da convergência entre práticas lúdicas, inovações técnicas da impressão e tradições iconográficas do Renascimento, tendo adquirido interpretações esotéricas e simbólicas apenas séculos mais tarde. A distinção entre estas camadas históricas é fundamental para compreender a evolução do tarot e a natureza profunda do seu imaginário.

Além disso, a modernidade trouxe uma dimensão sincrética e eclética ao tarot. Farley (2009) destaca que os praticantes contemporâneos frequentemente combinam técnicas e simbolismos de múltiplas tradições num único baralho, refletindo um ecletismo que permite incorporar diferentes métodos divinatórios e culturais:

“New Age practitioners will experiment with several techniques in sequence or at the same time. Contemporary tarot echoed this eclectic approach, frequently combining the symbolism from two or more traditions within the same deck. In addition, multiple divinatory techniques may have been incorporated, creating unique decks utilising various systems.”
(Farley, 2009, p. 157)

Este caráter plural do tarot contemporâneo reflete também uma fascinação por diferentes religiões e culturas, alinhando-se com a ideia de que a mística é uma linguagem comum e universal, como observa Matthew Fox, citado por Farley (2009):

“Mysticism is ... a common language, uttering a common experience. There is only one great underground river, though there are numerous wells into it – Buddhist wells and Taoist wells, Native American wells and Christian Wells, Islamic wells and Judaic wells.”
(Farley, 2009, p. 165)

Deste modo, o tarot, enquanto sistema simbólico, funciona como um ponto de convergência cultural, permitindo ao intérprete contemporâneo explorar múltiplas tradições, técnicas e leituras, mantendo a coerência histórica e expandindo a sua aplicabilidade simbólica.

OS ARQUÉTIPOS

Compreender a dimensão simbólica e psicológica do tarot implica reconhecer a natureza arquetípica das suas imagens, as quais evocam respostas emocionais relacionadas com mitos, lendas ou folclore (Honors Curriculum Program of Alcorn State University, 2011, p. 19). Neste contexto, Carl Jung (1968, p. 20) propõe que os arquétipos representam manifestações do inconsciente coletivo da humanidade, funcionando como respostas intuitivas a estímulos primitivos partilhados por todos os indivíduos. Jung explica esta dimensão mais profunda do inconsciente afirmando que:

“Esta camada mais profunda chamo de inconsciente coletivo. Escolhi o termo ‘coletivo’ porque esta parte do inconsciente não é individual, mas universal; ao contrário da psique pessoal, possui conteúdos e modos de comportamento que são, mais ou menos, os mesmos em todos os lugares e em todos os indivíduos. Em outras palavras, é idêntico em todos os homens e constitui, assim, um substrato psíquico comum de natureza suprapessoal, presente em cada um de nós.”
(Jung, 1968, p. 20, tradução livre)

Os conteúdos do inconsciente pessoal correspondem essencialmente aos complexos tonificados emocionalmente, enquanto os do inconsciente coletivo se manifestam através dos arquétipos (Jung, 1968, pp. 20–21). O conceito de arquétipo, contudo, não é exclusivo da psicologia moderna. Jung sublinha que o termo já surge em Filo de Alexandria, em referência à *Imago Dei* (imagem de Deus) no homem, e é retomado por Ireneu, que refere que “o criador do mundo não fez estas coisas direta-

mente de si mesmo, mas copiou-as a partir de arquétipos fora de si”. No Corpus Hermeticum, Deus é descrito como τὸ ἀρχέτυπον φῶς (luz arquetípica) (Jung, 1968, p. 21, tradução livre).

No tarot, os arquétipos permitem ao leitor construir narrativas próprias, de acordo com a disposição das cartas utilizada. O Honors Curriculum Program of Alcorn State University (2011) destaca a *Celtic Cross* como a disposição mais frequentemente usada, embora existam diversas variantes que alteram a posição e o significado das cartas (pp. 25–26). Essas variações evidenciam a flexibilidade interpretativa das imagens arquetípicas, cuja força simbólica se mantém mesmo quando reorganizadas.

A análise dos arquétipos foi determinante para a orientação criativa do baralho desenvolvido neste projeto, possibilitando a integração de elementos do imaginário coletivo português. O objetivo consiste em criar ilustrações que evoquem a consciência simbólica e cultural de Portugal, aproximando os arquétipos do tarot da mitologia, da tradição oral e do património visual do país.

OS PRIMEIROS BARALHOS DE TAROT

Os primeiros baralhos de tarot devem ser analisados não apenas como artefactos lúdicos, mas também como manifestações visuais profundamente inseridas no contexto cultural do Renascimento italiano. Greer (2004) evidencia que o tarot surgiu, no início do século XV, como um jogo de cartas e não como um instrumento adivinhatório ou esotérico: “as cartas estavam destinadas a jogo” (Greer, 2004, pp. 465–469, tradução livre). Esta constatação é reforçada por evidência documental e por exemplares que sobreviveram até aos nossos dias, contrariando, assim, interpretações posteriores de natureza hermética.

Para compreender a estética e a função destes baralhos, é útil contextualizá-los à luz da sociedade renascentista. Bazin argumenta que este foi um período de profunda transformação: segundo ele, o Renascimento significou uma “afirmação do indivíduo”, na qual o artista deixou de ser mero artesão para se tornar “um aristocrata do espírito” (Bazin, 1962, p. 225, tradução livre). As grandes famílias de mecenas — como os Visconti, os Sforza, os Medici, os Montefeltro e outros — competiam entre si na encomenda de obras artísticas, promovendo uma produção de elevado refinamento estético e intelectual. Bazin descreve o *Quattrocento* como “a mais heróica tentativa [...] de trazer o mundo à escala humana” (1962, p. 226, tradução livre), vinculando essa visão a um racionalismo que orientava tanto a arte como o pensamento filosófico da época.

É precisamente neste ambiente que surgem os primeiros baralhos pintados à mão. Entre eles, o baralho *Visconti-Sforza*, datado de

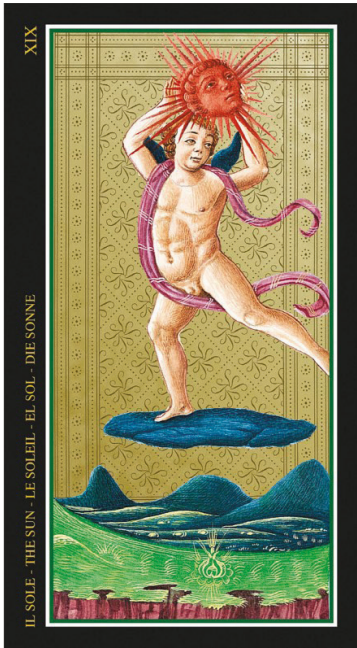


Figura 2 — Carta *The Sun* do baralho *Visconti-Sforza*, “pintado por um artista desconhecido (frequentemente atribuído ao miniaturista renascentista Antonio Cicognaro)” (Bartlett, 2021, p. 62, tradução livre)

cerca de 1450, destaca-se por ser um dos mais completos e enigmáticos: Bartlett assinala que “as diferentes versões dos baralhos *Visconti-Sforza* datam do início do século XV” (2021, p. 60, tradução livre) e descreve este baralho como “um dos baralhos de tarot mais antigos, mais belos e mais intrigantes” (Bartlett, 2021, p. 60, tradução livre). A iconografia dessas cartas reflete o prestígio das famílias encomendantes e parece conter “algo de mais profundo em ação” (Bartlett, 2021, p. 60, tradução livre), sugerindo que, mesmo que criadas para o jogo, as imagens veiculavam significados simbólicos complexos.

Neste sentido, é pertinente recorrer à teoria da ilustração: segundo Doyle, “ilustrar é significar e conferir clareza a um tema por meios visuais (habitualmente pictóricos)” (2019, p. 2, tradução livre), ou seja, a ilustração não existe apenas para a decoração, mas para comunicar ideias e informação. As cartas do *Visconti-Sforza*, embora concebidas como jogo, funcionam como verdadeiras ilustrações — constelações visuais que traduzem valores sociais, simbólicos e estéticos do Renascimento. No entanto, tal como Doyle sublinha, “as ilustrações não são objetos artísticos autónomos” (Doyle, 2019, p. 2, tradução livre), devendo ser interpretadas no seu contexto cultural, até porque o seu significado original dependia da literacia visual e simbólica dos seus observadores.

Outro exemplo relevante é o baralho *Sola-Busca*, datado do final do século XV, que Bartlett descreve como “o único baralho italiano completo, datado do final do século XV, no qual todas as setenta e oito cartas são representadas de forma pictórica” (2021, p. 303, tradução livre). A autora sugere que este baralho “pode muito bem ter sido um código secreto de conhecimento alquímico; um percurso para aprender a transformar o



Figura 3 — Carta *Trump XXI, The World* (Arcano XXI, O Mundo) do baralho *Sola-Busca* (Bartlett, 2021, p. 62)

‘chumbo em ouro’” (Bartlett, 2021, p. 304, tradução livre). Esta hipótese, embora especulativa, mostra como a riqueza visual e simbólica do *Sola-Busca* possibilita uma leitura mais profunda, possivelmente hermética, sem que isso contrarie a sua natureza original como objeto visual. Sob a perspectiva da ilustração, estas imagens funcionam como signos intencionalmente concebidos para serem decodificados por uma elite intelectual, alinhando-se com a definição etimológica de *illustrare*, que significa iluminar.

Greer (2004, pp. 465–469) menciona ainda o *Tarocco Bolognese*, um baralho de 62 cartas, associado a práticas adivinhatórias anteriores a 1750, na cidade de Bolonha. No entanto, ele observa que esse baralho teve “pouco impacto na construção simbólica que o tarot viria a assumir nos movimentos esotéricos posteriores” (Greer, 2004, pp. 465–469, tradução livre). Dessa forma, embora existisse alguma utilização divinatória, o seu peso simbólico no desenvolvimento posterior do tarot esotérico foi relativamente limitado.

Ao longo do século XIX, contudo, o tarot transformou-se de jogo aristocrático em ferramenta de adivinhação: Bartlett afirma que “ao longo do século XIX, o tarot estava a tornar-se popular na Europa como ferramenta de adivinhação” (2021, p. 105, tradução livre). A partir desse momento, o tarot integrou-se nos movimentos ocultistas e esotéricos, adquirindo simbolismos que ultrapassaram em muito a sua origem renascentista.

Os primeiros baralhos de tarot são, portanto, testemunhos multifacetados: por um lado, representam arte renascentista, resultado do mecenato e da disputa entre principados; por outro, configuram-se como ilustrações com intenção comunicativa — não simplesmente como ornamentos, mas como veículos simbólicos de ideias e valores. A sua iconografia evidencia tanto a função lúdica original quanto camadas de significado que só mais tarde se tornaram parte integrante da tradição esotérica.

A convergência entre a estética renascentista, a lógica do jogo e o potencial simbólico transformou estes baralhos em artefactos culturais que iluminam (no sentido de *illustrare*) não só o seu tempo, mas também a evolução histórica do tarot enquanto ferramenta simbólica e esotérica.



Figura 4 — "Hans Memling. Madonna (detail). 1487. Bruges" (Bazin, 1962, p. 227)

► CAPÍTULO II

ANÁLISE QUALITATIVA DE DOZE BARALHOS

No começo da investigação para a realização de uma análise qualitativa com o intuito na recolha de informações que pudessem ser adaptadas para o objeto final deste projeto, foram recolhidos doze baralhos de Tarot, separados em dois grupos, os baralhos clássicos e os baralhos contemporâneos.

O objetivo desta investigação qualitativa e comparativa é analisar doze baralhos de tarot, destacando os elementos que influenciam a experiência interpretativa e estética do utilizador. A escolha destes baralhos baseia-se na sua relevância histórica, na diversidade de abordagens artísticas e na complexidade simbólica que apresentam. O estudo privilegia a observação detalhada das cartas, a análise da iconografia, a avaliação das paletas cromáticas, dos acabamentos e das molduras, bem como a comparação sistemática entre os baralhos, permitindo identificar padrões comuns e divergências significativas. Esta abordagem explora não apenas a evolução estética e simbólica do tarot, mas também a adaptação da sua prática a contextos culturais e artísticos distintos.

A análise qualitativa adotada neste estudo permite compreender como diferentes técnicas de ilustração, estilos artísticos, organização simbólica e utilização de cores influenciam a interpretação das cartas, contribuindo para a experiência sensorial e emocional do utilizador. Baralhos históricos, como o *Thoth Tarot* e o *Rider-Waite Tarot*, oferecem uma base sólida para compreender a tradição simbólica, enquanto baralhos contemporâneos, como o *Eldritch Overload*, o *Cosmic Tarot* e o *Starman Tarot*, exploram abordagens inovadoras, incorporando influências da arte digital, do maximalismo, da estética cyberpunk e de movimentos artísticos como a *Art Nouveau* e o *Renascimento*.

CASO DE ESTUDO DE BARALHOS CLÁSSICOS

THOTH TAROT

O *Thoth Tarot* constitui um dos baralhos mais relevantes e controversos incluídos nesta investigação. Concebido por Aleister Crowley, influenciado pelos ensinamentos da Ordem Hermética da Aurora Dourada, e ilustrado por Lady Frieda Harris, o baralho surgiu com o propósito de corrigir e modernizar a estrutura dos baralhos medievais então existentes, evoluindo posteriormente para uma reinterpretação mais ampla do simbolismo associado à sabedoria ancestral, entre os anos de 1938 e 1940 (Wasserman, 1978, pp. 3–4). Crowley, figura central na tradição esotérica ocidental, integrou nos seus estudos elementos da cabala, da astrologia e da alquimia, criando um sistema simbólico complexo que ia além da mera representação visual tradicional das cartas.

A análise do *Thoth Tarot* revela características distintas que o diferenciam de outros baralhos incluídos na presente investigação. Apesar de manter a estrutura clássica herdada do *Rider-Waite Tarot*, este baralho distingue-se pela riqueza simbólica e pela integração de conceitos esotéricos profundos, refletindo uma filosofia holística que procura conectar cada carta ao universo metafísico e à experiência espiritual do praticante. Cada *Arcano Maior* incorpora múltiplas camadas de significado, incluindo associações astrológicas, cabalísticas e mitológicas, permitindo uma leitura que é simultaneamente interpretativa, intuitiva e reflexiva (Wasserman, 1978).

O baralho organiza-se de forma sistemática, incorporando, para além do nome e do elemento de cada carta, símbolos astrológicos específicos que reforçam o significado e a posição de cada arcano. Por exemplo, a carta *The Sun* inclui o símbolo astrológico do *Sol* junto ao título e a inscrição *Trumps*, destacando a sua importância central no conjunto do baralho. Nos *Arcanos Menores*, a estrutura simbólica é igualmente rigorosa: cada carta contém uma palavra-chave indicativa do seu significado



Figura 5 — Carta *The Sun* do baralho *Thoth Tarot*

e uma palavra secundária que remete para o elemento correspondente, reforçando o entendimento intuitivo e racional do utilizador.

Nos elementos ar, fogo, terra e água, a simbologia verbal é cuidadosamente escolhida para refletir estados emocionais, ações, posse e desejos. Por exemplo, no elemento ar, as cartas *2 of Swords (Peace)* e *3 of Swords (Sorrow)* simbolizam estados emocionais equilibrados ou de conflito; no elemento fogo, *7 of Wands (Valour)* e *8 of Wands (Swiftness)*

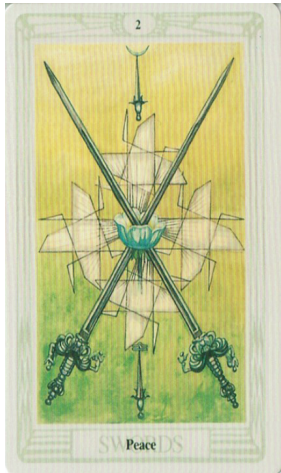


Figura 6 — Carta *2 of Swords* do baralho *Thoth Tarot*



Figura 7 — Carta *3 of Swords* do baralho *Thoth Tarot*

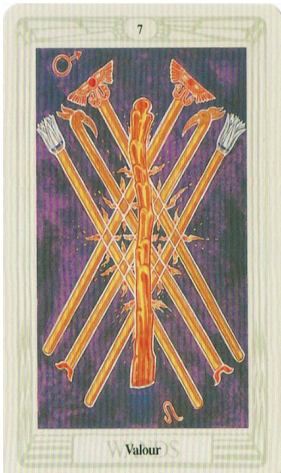


Figura 8 — Carta *7 of Wands* do baralho *Thoth Tarot*

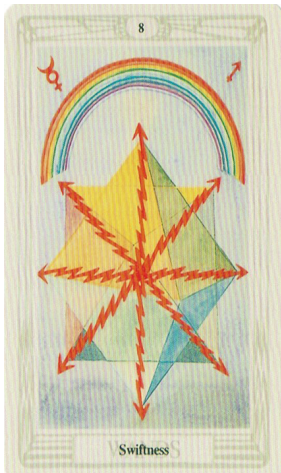


Figura 9 — Carta *8 of Wands* do baralho *Thoth Tarot*



Figura 10 — Carta *8 of Disks* do baralho *Thoth Tarot*



Figura 11 — Carta *9 of Disks* do baralho *Thoth Tarot*

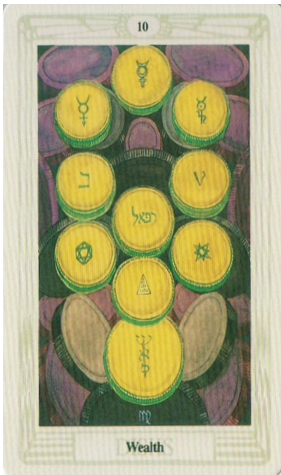


Figura 12 — Carta *10 of Disks* do baralho *Thoth Tarot*



Figura 13 — Carta *2 of Cups* do baralho *Thoth Tarot*

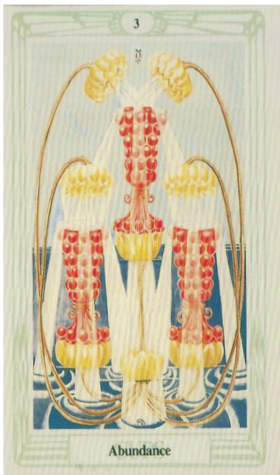


Figura 14 — Carta *3 of Cups* do baralho *Thoth Tarot*

representam coragem e dinamismo; no elemento terra, *8 of Disks (Prudence)*, *9 of Disks (Gain)* e *10 of Disks (Wealth)* remetem à posse material e física; e, finalmente, no elemento água, *2 of Cups (Love)* e *3 of Cups (Abundance)* evocam emoções profundas, desejos e prazer, representando temas ligados à psicologia emocional e à experiência sensorial do praticante.

As ilustrações de Lady Frieda Harris foram executadas através de técnicas mistas, incluindo pintura a óleo sobre tela, aguarela e pastel de óleo, apresentando um estilo visual remanescente do impressionismo, que confere profundidade e nuance à representação de cada carta. A coerência entre os elementos representados e a paleta cromática evidencia uma intenção estética precisa: tons verdes e azuis para o ar; laranja e vermelho para o fogo; verde-escuro e amarelo para a terra; azul e coral para a água. Esta combinação cromática não apenas reforça a simbologia associada, mas também facilita a experiência sensorial do utilizador, integrando percepção visual e interpretação simbólica.

RIDER-WAITE TAROT

O *Rider-Waite Tarot*, publicado originalmente em 1910, é amplamente reconhecido como um dos baralhos mais influentes na história moderna do tarot. Desenvolvido no contexto do crescimento do interesse pelo tarot como ferramenta de adivinhação, este baralho emergiu durante o florescimento de movimentos esotéricos e ocultistas, característicos do final do século XIX e início do século XX. A sua criação foi fortemente influenciada pela Hermetic Order of the Golden Dawn, sociedade esotérica londrina, cujos princípios eram estruturados a partir do *Cipher Manuscript* (Bartlett, 2021). Arthur Edward Waite concebeu a estrutura simbólica do baralho, enquanto a artista Pamela Colman Smith realizou as ilustrações, conferindo coesão estética e narrativa a cada carta.

A edição utilizada nesta investigação, *Smith-Waite Centennial Tarot Deck*, reproduz fielmente o baralho original de 1909, incluindo oitenta cartas – setenta e oito correspondentes aos arcanos tradicionais e duas ilustrações adicionais. A análise visual evidencia a utilização de técnicas de gravura para os contornos e de aguarela para a aplicação cromática, resultando em composições detalhadas que permitem a interpretação narrativa das cartas. Nos *Arcanos Maiores*, observa-se uma progressão que acompanha a jornada do herói, enquanto nos *Arcanos Menores* cada naipe – *copas*, *paus*, *pentáculos* e *espadas* – representa diferentes dimensões da experiência humana.

Ao contrário do Thoth Tarot, o Rider-Waite Tarot não distingue elementos por paletas cromáticas específicas, baseando-se na simbologia das ilustrações para diferenciar cada naipe. Por exemplo, a carta The Fool representa a “carne, a vida sensível” e foi tradicionalmente associada à figura do alquimista, sendo interpretada como a manifestação da “loucura no seu estado mais insensato” (Waite, 1992, trad. Ana Santos). A ilustração retrata um homem em êxtase, caminhando na direção de um precipício, segurando uma flor e os seus pertences num bastão, acompanhado por um cão que simboliza alerta e instinto.



Figura 15 — Carta *The Fool* do baralho *Smith-Waite Centennial Tarot Deck*

Nos *Arcanos Menores*, a narrativa visual mantém-se consistente: *espadas* e *paus* representam finais trágicos ou sofrimento, enquanto *copas* e *pentáculos* remetem a estados de felicidade emocional e material, respetivamente.

A homogeneidade estética e a coerência narrativa das cartas tornam o *Rider-Waite Tarot* numa ferramenta de estudo simbólico sólida, permitindo compreender a evolução da iconografia do tarot e a sua integração em práticas esotéricas e culturais, bem como a relação entre tradição e interpretação pessoal do utilizador.

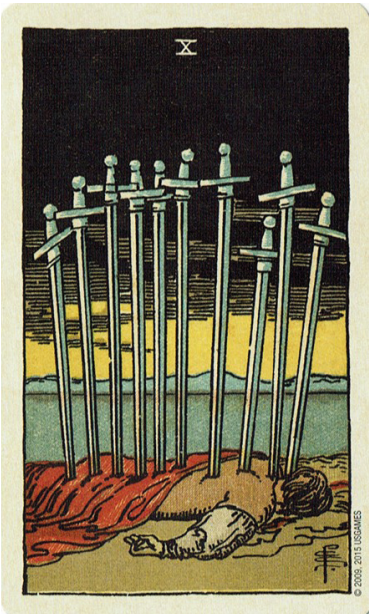


Figura 16 — Carta 10 of Swords do baralho Smith-Waite Centennial Tarot Deck



Figura 17 — Carta 7 of Wands do baralho Smith-Waite Centennial Tarot Deck



Figura 18 — Carta 10 of Cups do baralho Smith-Waite Centennial Tarot Deck



Figura 19 — Carta 6 of Pentacles do baralho Smith-Waite Centennial Tarot Deck

CASOS DE ESTUDO DE BARALHOS CONTEMPORÂNEOS

Os baralhos contemporâneos analisados evidenciam uma multiplicidade de abordagens artísticas, simbólicas e estruturais, refletindo a adaptação do tarot à estética, cultura e tecnologia modernas.

Diferentemente dos baralhos históricos, que se apoiam em tradições esotéricas consolidadas e em narrativas arquetípicas rigorosas, os baralhos contemporâneos exploram a inovação visual, a criatividade expressiva e a flexibilidade interpretativa, incorporando técnicas digitais, acabamentos sofisticados e influências artísticas variadas.

TAROT DE MUCHA E GOLDEN ART NOUVEAU TAROT

Entre os baralhos contemporâneos, os trabalhos da ilustradora Giulia F. Massaglia destacam-se por uma forte inspiração na *Art Nouveau* e na *La Belle Époque*.

O *Tarot de Mucha* foi concebido como uma homenagem à obra de Alphonse Mucha e aos mestres do tarot clássico, incorporando figuras femininas empoderadas, representadas de forma onírica e distante, sugerindo uma existência etérea e simbólica (Weatherstone, 2021, pp. 6–8). A composição visual recorre a molduras geométricas reminescentes dos cartazes de Mucha, presentes também no guia e na embalagem, reforçando a coerência estética do baralho. As figuras femininas constituem o foco central das ilustrações, assumindo o papel de protagonistas das narrativas simbólicas e conferindo às cartas um significado que transcende a mera função adivinhatória.



Figura 20 — Carta VIII do baralho *Tarot de Mucha*



Figura 21 — Cartaz para o papel de cigarro "Job", de 1896 (Müller, 2023, p. 43)

O *Golden Art Nouveau Tarot* distingue-se pelo acabamento em *golden foil*, aplicado no fundo das ilustrações e nas faces exteriores da embalagem. Esta técnica confere profundidade visual, brilho e sofisticação, aproximando a experiência estética do utilizador de um objeto artístico de colecção. As ilustrações revelam ainda influências renascentistas, incorporando proporções clássicas, perspectivas e composições detalhadas, conforme referenciado por Bazin (1962, pp. 228–249). A disposição das ilustrações em molduras com fundo negro, acompanhadas de títulos e números inclinados, permite múltiplas interpretações consoante a orientação da carta, oferecendo flexibilidade e versatilidade na leitura.

Ambos os baralhos apresentam um traço de desenho delicado, reforçando a elegância característica do movimento *Art Nouveau*. As paletas cromáticas são cuidadosamente ajustadas às emoções que cada carta pretende transmitir: nas cartas de tonalidade mais sombria, predominam cores pálidas e desaturadas, enquanto nas cartas com simbolismo espiritual positivo são utilizados tons mais vivos e saturados, conferindo dinamismo e expressividade à experiência interpretativa.



Figura 22 — Carta VI (*The Lovers*) do baralho *Golden Art Nouveau Tarot*

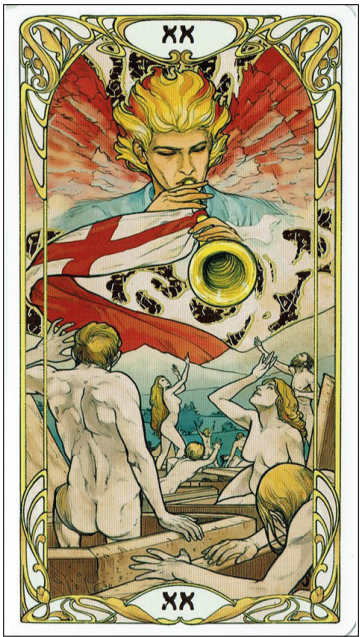


Figura 23 — Carta XX (*Judgement*) do baralho *Golden Art Nouveau Tarot*



Figura 24 — “Donatello. Anunciação. Em S.Croce, Florence. Mármore. Por volta de 1435” (Bazin, 1962, p. 235, trad. OpenAI)



Figura 25 — “Ghiberti. Josué atravessando o Jordão e a queda de Jericó. Painel do Ferto del Paradise of the Baptistery, Florence” (Bazin, 1962, p. 234, trad. OpenAI)

THE SHADOWLAND TAROT

O *The Shadowland Tarot*, da artista Monica Bodirsky, distingue-se por uma abordagem estética inspirada na arte infantil, utilizando traço contínuo de caneta e preenchimento com aguarela. Este estilo confere às ilustrações expressividade, dinamismo e uma sensação de ingenuidade artística, diferenciando-se dos baralhos tradicionais pela simplicidade aparente, que contrasta com a complexidade simbólica subjacente. A consistência do traço, aliada a uma paleta cromática subtil, permite a identificação clara dos elementos simbólicos e das narrativas representadas em cada carta.

A linguagem visual do baralho apresenta, por vezes, uma tonalidade mais mórbida, evidenciada pelo recurso frequente a crânios nas figuras, remetendo para uma estética que evoca a obra cinematográfica de Tim Burton. Esta combinação de simplicidade formal, expressividade emocional e elementos macabros cria uma experiência interpretativa simultaneamente acessível e profunda, oferecendo ao utilizador múltiplos níveis de leitura simbólica.

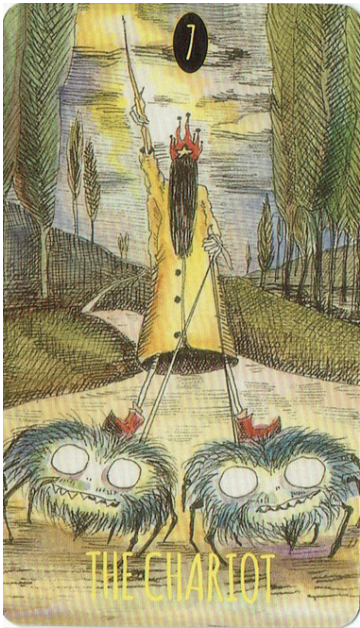


Figura 26 — Carta *Chariot* (Carroça) do baralho *The Shadowland Tarot*

THE BOOK OF SHADOWS

A série *The Book of Shadows*, composta pelos baralhos *As Above* e *So Below*, apresenta um estudo comparativo entre técnicas digitais e analógicas na representação do tarot contemporâneo. O *As Above* utiliza ilustração digital com elevado realismo, privilegiando o detalhe minucioso e uma paleta cromática predominantemente sombria, conferindo ao baralho uma atmosfera introspectiva e enigmática. Em contrapartida, o *So Below* recorre a uma combinação de aguarela e tinta preta, originando um estilo mais expressivo e manual, caracterizado por uma linguagem cromática mais leve, aguada, mas vibrante, que transmite uma experiência visual acolhedora e emocionalmente próxima do utilizador.

Esta dualidade técnica permite analisar a forma como o suporte artístico molda a interpretação simbólica e a experiência estética do tarot. No *As Above*, a precisão digital reforça o rigor simbólico e a percepção de densidade narrativa, favorecendo leituras mais contemplativas e analíticas. Já no *So Below*, a materialidade do traço manual e a fluidez da aguarela promovem uma interação mais intuitiva e emocional com as cartas, sublinhando o papel da expressividade estética na construção de significados simbólicos.

A comparação entre ambos os baralhos evidencia como a técnica artística influencia não apenas a dimensão visual, mas também a experiência interpretativa do utilizador. A escolha entre digital e analógico transforma o modo como os símbolos são lidos e experienciados,



Figura 27 — Carta 0 (*The Summerlands*) do baralho *Book of Shadows—As Above*



Figura 28 — Carta 0 (*The Fool*) do baralho *Book of Shadows—So Below*

oferecendo perspectivas complementares: uma mais introspectiva e enigmática, e outra mais emocional e acessível. Esta análise demonstra que a materialidade da arte, o tratamento cromático e a técnica utilizada são determinantes para a forma como os baralhos contemporâneos re-interpretam a tradição simbólica do tarot, aproximando-o de um objeto estético e experiencial multifacetado.



Figura 29 — Carta III (*The Goddess*) do baralho *Book of Shadows—As Above*



Figura 30 — Carta III (*The Empress*) do baralho *Book of Shadows—So Below*

TRIONFI DELLA LUNA

O baralho *Trionfi della Luna*, criado por Patrick Valenza, contém noventa cartas e segue a estrutura clássica do baralho Marseilles, com inspiração no *Deviant Moon Tarot*. Este baralho inclui doze cartas adicionais que permitem personalização, incluindo múltiplas variações de *The Devil*, *The Star*, *Judgement* e *The Tower*, oferecendo ao utilizador a possibilidade de adaptar o baralho à sua própria interpretação e experiência simbólica. A arte digital proporciona liberdade na escolha de cores, efeitos e detalhes, destacando-se como um exemplo de adaptação contemporânea de uma tradição histórica.

A melhor forma de descrever a estética deste baralho é imaginar Salvador Dalí e Tim Burton a encontrarem-se numa festa de Halloween da Família Addams, a tomarem alguns copos e a decidirem ter um bebé juntos. As figuras de Valenza mostram alguns sinais de inspiração na arte da *Grécia Antiga*, mas de uma forma totalmente original, desconexa e distorcida (Easley, 2021, p. 197).



Figura 31— Conjunto das múltiplas cartas do baralho *Trionfi della Luna*

Em entrevistas com a sua editora original, U.S. Games, Valenza mencionou influências iniciais como os animadores Max Fleischer e Winsor McCay (ibid., 2021, p. 197). Ao observar a roupa que os seus personagens usam e alguns dos elementos estruturais das ilustrações, percebemos também influência dos baralhos de tarot clássicos que conheceu na infância, incluindo o baralho *Visconti* e o *IJJ Swiss Tarot* (Easley, 2021, p. 197). Embora os cenários históricos destes baralhos pouco importassem para a sua visão, a exageração das roupas e as posições fantásticas das figuras cativavam-no. Valenza afirmou ainda que ouvia música de cravo para se conectar melhor com a arte enquanto criava as cartas, e essa sensação intencional de Velho Mundo permanece perceptível nas peças, apesar de serem muito modernas (ibid., 2021, p. 197).



Figura 32 — Conjunto das múltiplas cartas do baralho *Trionfi della Luna*

ANCIEN TAROT MARSEILLE

A versão do *Ancien Tarot de Marseille* analisada, publicada pela Grimaud, consiste numa reprodução digital de ilustrações originais executadas através de stencil e impressão em xilogravura, técnicas tipicamente associadas ao período renascentista. A digitalização permite uma observação detalhada das ilustrações, evidenciando traços e contornos originais, contudo, a análise crítica revela que a rigidez das figuras e a limitação expressiva inerente à técnica dificultam uma exploração simbólica mais profunda e complexa. Bartlett (2021, p. 78) destaca que os primeiros baralhos coloridos franceses se apoiavam em métodos de xilogravura e stencil antes do desenvolvimento de tecnologias de impressão mais avançadas, sendo essas técnicas determinantes para a estética e a simbologia inicial do tarot.



Figura 33 — Carta *Le Bateleur* (O Mágico) do baralho *Ancien Tarot Marseille*

Embora a reprodução digital garanta precisão e fidelidade formal, verifica-se uma ausência de expressividade emocional e de liberdade interpretativa que caracteriza baralhos contemporâneos, nos quais as técnicas pictóricas mais flexíveis permitem maior nuance simbólica e variação estilística. A paleta cromática apresenta uma consistência rígida em todas as cartas, mantendo o fundo branco e aplicando às figuras cores primárias — amarelo, azul, vermelho — complementadas por tons de pele. Esta uniformidade reforça a clareza visual das figuras, mas limita a variação interpretativa e o dinamismo estético que outras abordagens modernas de pintura e ilustração proporcionam.

A análise do *Ancien Tarot de Marseille* revela, assim, a tensão entre fidelidade histórica e expressão simbólica, sublinhando a relevância de compreender os condicionamentos técnicos do período renascentista ao estudar a evolução do tarot como prática artística e cultural (Easley, 2021, p. 30).

ELDRITCH OVERLOAD

O *Eldritch Overload*, desenvolvido por Ho (Weird Works LLC, visualizado, 2 de Março 2025), preserva a estrutura do Rider-Waite Tarot, mas transporta as cartas para um ambiente cyberpunk, situado na cidade fictícia de *Neo-Valkan*. A carta *The Fool* é reinterpretada como um cantor equipado com um capacete em forma de gato, saltando de um palco, criando uma narrativa visual marcada pela anarquia e subversão. A utilização de cores vibrantes, remissivas de tons neon, reforça a estética futurista e confere à paleta cromática uma intensidade que sublinha o carácter inovador do baralho.

Para além da componente visual, o baralho incorpora técnicas de acabamento, como foil nas molduras e nos detalhes das ilustrações, bem como no manual de instruções, evidenciando uma atenção cuidada à experiência estética e sensorial do utilizador. Esta abordagem demonstra como a adaptação contemporânea do tarot possibilita a reinvenção criativa e expressiva do simbolismo tradicional, mantendo simultaneamente a funcionalidade interpretativa da estrutura original.

O *Eldritch Overload* exemplifica, assim, a forma como a tradição do tarot pode ser reconfigurada em contextos narrativos modernos, integrando estética digital, cores intensas e elementos sensoriais, ao mesmo tempo que preserva referências estruturais clássicas, promovendo uma leitura visual e simbólica simultaneamente rica e inovadora.



Figura 34 — Carta *The Fool* (O Louco) do baralho *Eldritch Overload*

COSMIC TAROT E STARMAN TAROT

O *Cosmic Tarot*, ilustrado por Norbert Lösche, centra-se predominantemente em personagens individuais, geralmente apresentando uma figura por carta, com mínima presença de símbolos ocultos. A técnica artística combina traço pontilhado e linha fina de caneta ou tinta-da-china com preenchimento digital, permitindo elevada precisão visual e clareza simbólica. Esta abordagem privilegia o foco no leitor, facilitando a identificação com as narrativas pessoais e promovendo um desenvolvimento interpretativo individualizado.

Em contraste, o *Starman Tarot*, de Davide de Angelis, adota uma abordagem maximalista e surreal, inspirada no conceito de “horror ao vazio” (Rivers, 2004). O *Maximalismo* celebra a riqueza e o excesso no design gráfico, valorizando a profusão de cores, materiais tácteis, acabamentos exclusivos e técnicas de impressão especiais, indo além da mera decoração, padrão ou ornamentação. Esta estética procura recuperar a sensualidade, o luxo e a fantasia, enfatizando a experiência visual e emocional intensa (Rivers, 2004).

No *Starman Tarot*, esta filosofia manifesta-se através da combinação de edição fotográfica, recortes e ilustração digital, resultando numa saturação simbólica intensa e complexidade visual elevada. Além disso, o artista altera os nomes das cartas — transformando o *The Fool* (O Louco) em *Sacred Clown* (Palhaço Sagrado), a carta *The Magician* (O Mago) em *The Starman* (O Homem das Estrelas) e o *The Hermit* (O Heremita) em *The Alien* (O Alienígena) — reforçando a desconstrução e reinvenção simbólica típica do maximalismo. Esta abordagem permite criar uma experiência interpretativa rica e multifacetada, na qual cada carta se apresenta como um objeto visual denso, carregado de referências e possibilidades de leitura, embora a sobrecarga simbólica possa, por vezes, tornar a experiência do utilizador mais exigente ou confusa.

A aplicação do maximalismo no *Starman Tarot* demonstra como os princípios contemporâneos de design gráfico — profusão de cor, materiais e acabamentos luxuosos, e exploração sensorial — podem ser transpostos para o contexto do tarot, criando baralhos que desafiam a tradição minimalista e oferecem novas dimensões de interatividade estética e interpretativa.



Figura 35 — Spread das primeiras páginas do livro, *Maximalism : the graphic design of decadence & excess* (Rivers, 2004)



Figura 36 — Spread das primeiras páginas do livro, *Maximalism : the graphic design of decadence & excess* (Rivers, 2004)



Figura 37 — Cartas *Sacred Clown* (Palhaço Sagrado) e *The Starman* (O Homem das Estrelas) do baralho *Starman Tarot*



Figura 38 — Cartas *The Magician* (O Mago) e *The High Priestess* (A Alta Sacerdotisa) do baralho *Cosmic Tarot*

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA ANÁLISE QUALITATIVA

A presente investigação, desenvolvida no âmbito de um projeto de ilustração, centrou-se numa análise qualitativa detalhada e numa metodologia comparativa aplicada a doze baralhos de tarot, com o objetivo de compreender as distintas abordagens simbólicas, estéticas, estruturais e ilustrativas presentes em cada conjunto. A metodologia integrou observação sistemática das cartas, análise iconográfica, estudo aprofundado das paletas cromáticas, das molduras, dos acabamentos, das técnicas de ilustração e da distribuição simbólica (O'Grady, 2017, p. 35). A comparação entre os baralhos permitiu identificar padrões recorrentes, divergências significativas e a evolução histórica, estética e ilustrativa do tarot ao longo dos séculos (ibid., 2017, p. 40—41).

O estudo revelou que os baralhos históricos — nomeadamente o *Thoth Tarot* e o *Rider-Waite Tarot* — apresentam uma organização simbólica altamente complexa, enraizada em tradições esotéricas e ocultistas e articulada através de escolhas ilustrativas consistentes. Estes baralhos integram elementos cabalísticos, astrológicos, alquímicos e arquetípicos, refletindo o contexto cultural, artístico e espiritual do seu período de criação. O *Thoth Tarot* destaca-se pela coerência entre cor, simbolismo e geometrização, evidenciando uma ilustração meticulosa e teosoficamente orientada, enquanto o *Rider-Waite Tarot* privilegia uma narrativa visual progressiva dos *Arcanos Maiores*, ilustrando a jornada arquetípica do herói e reforçando a interpretação simbólica através de uma iconografia detalhada e de composições ilustrativas claras (Eskilson, 1964; Wasserman, 1978; Waite, 1992; Duquette, 2003, pp. 7–10).

Os baralhos contemporâneos analisados — incluindo *Eldritch Overload*, *Cosmic Tarot*, *Starman Tarot*, *Tarot de Mucha*, *Golden Art Nouveau Tarot*, *The Shadowland Tarot*, *The Book of Shadows*, *Trionfi della Luna* e *Ancien Tarot Marseille* — revelam uma diversidade ilustrativa e simbólica muito mais ampla, explorando técnicas digitais, ilustração tradicional, acabamentos especiais como foil e golden foil, e influências de movimentos artísticos como *Art Nouveau*, *Maximalismo*, *Renascimento*, *Surrealismo* ou *estética Cyberpunk*. Estes baralhos demonstram a capacidade da ilustração contemporânea para adaptar o tarot a novos contextos cul-

turais, promovendo maior flexibilidade interpretativa e estimulando uma leitura visual criativa. A possibilidade de personalização, patente em baralhos como o *Trionfi della Luna*, ilustra a forma como a tradição visual do tarot pode ser combinada com inovação, permitindo que cada praticante aprofunde uma relação pessoal com a imagem (Bartlett, 2021; Weatherstone, 2021; Bazin, 1962; Easley, 2021).

A análise qualitativa evidenciou que a escolha das técnicas de ilustração — incluindo traço, textura, aplicação cromática, estilização das figuras, composição narrativa e tipo de acabamento — influencia diretamente a experiência estética, interpretativa e emocional do utilizador. Baralhos ilustrados com traços mais expressivos, fluídos ou estilizados, como os influenciados pela *Art Nouveau* ou pelo imaginário cyberpunk, criam uma imersão visual mais sensorial e evocativa, promovendo ligação emocional e interpretativa. Em contraste, baralhos de simbolismo tradicional, como o *Rider-Waite Tarot* ou o *Ancien Tarot Marseille*, privilegiam uma ilustração mais codificada, assegurando estabilidade simbólica, coerência e legibilidade histórica.

A comparação sistemática entre os baralhos demonstrou que cada decisão ilustrativa — desde o esquema cromático ao tipo de traço, desde o enquadramento das figuras à ornamentação das molduras — exerce impacto direto sobre a leitura simbólica. Esta constatação confirma que o tarot deve ser compreendido não apenas como instrumento adivinhatório, mas também como objeto ilustrado, artístico e cultural, no qual cada elemento visual orienta e modela a experiência interpretativa. Baralhos como o *Starman Tarot* ilustram que a saturação simbólica e a exuberância maximalista (Rivers, 2004) podem intensificar a experiência visual e narrativa, embora o excesso de informação possa, por vezes, provocar fadiga visual e exigência cognitiva elevada.

A investigação demonstrou igualmente que a evolução estética e ilustrativa do tarot resulta da interação entre tradição, inovação artística, práticas de ilustração emergentes, influências culturais e avanços tecnológicos. Baralhos históricos mantêm relevância devido à profundidade simbólica e à solidez estrutural, enquanto baralhos

contemporâneos expandem os limites da ilustração, incorporando universos narrativos alternativos, técnicas digitais avançadas, colagem, texturas híbridas e acabamentos experimentais. Esta dualidade confirma que o tarot é um meio flexível e multimodal, capaz de integrar tradição iconográfica e inovação ilustrativa, respondendo às sensibilidades visuais e culturais de cada época.

A interação entre simbolismo, estética, estrutura e ilustração revelou-se determinante para a criação de baralhos funcionalmente claros e esteticamente impactantes. A utilização de acabamentos como *foil*, *golden foil* ou *verniz localizado*, a presença de molduras ornamentadas, a diferenciação cromática por elementos ou o uso de estilos como o *Surrealismo* contribuem para uma experiência rica e para o reforço da mensagem simbólica de cada carta. A experimentação ilustrativa e a personalização visual permitem aos utilizadores desenvolver leituras singulares, ajustadas ao seu repertório cultural e à sua sensibilidade estética.

Do ponto de vista histórico, os baralhos clássicos constituem um léxico iconográfico e ilustrativo fundamental, que serve de base para práticas contemporâneas. Por seu lado, baralhos modernos como o *Eldritch Overload* ou o *Cosmic Tarot* demonstram que a introdução de universos visuais alternativos ou de técnicas de ilustração digital não compromete a profundidade simbólica; antes a amplia, oferecendo novas possibilidades sensoriais e interpretativas.

A investigação confirmou também que o tarot contemporâneo não se restringe a um único estilo de ilustração, mas adapta-se às preferências visuais, narrativas e simbólicas dos seus utilizadores. Esta flexibilidade demonstra a vitalidade do tarot enquanto objeto ilustrado, cultural e simbólico, capaz de integrar múltiplas camadas de significado, narrativa e estética, mantendo simultaneamente a coerência estrutural que caracteriza os baralhos históricos.

Em síntese, a análise qualitativa e comparativa permitiu compreender a diversidade estética, ilustrativa e simbólica dos baralhos de tarot, destacando a importância de uma abordagem sistemática para iden-

tificar especificidades, padrões comuns e divergências relevantes. O estudo mostra que a escolha de um baralho deve considerar a tradição histórica, a coerência simbólica e a adequação do estilo de ilustração ao intérprete. Confirma-se, ainda, que o tarot permanece um meio de expressão artística e editorial em constante transformação, no qual tradição, criatividade e inovação coexistem, oferecendo múltiplas experiências estéticas e interpretativas.

A metodologia adotada revelou-se, portanto, essencial para compreender a complexidade, diversidade e riqueza visual dos baralhos, demonstrando que cada carta — enquanto peça ilustrada — resulta de escolhas deliberadas que moldam a experiência interpretativa. O tarot afirma-se assim como campo fértil para investigação académica, prática ilustrativa, criação editorial e exploração simbólica, permitindo uma visão integrada da sua história, estética, ilustração e relevância cultural.

Em seguida, apresenta-se a tabela elaborada no âmbito deste projeto de ilustração e editorial, na qual se sistematizam as características dos baralhos analisados ao longo da investigação. A estrutura da tabela encontra-se organizada em doze grupos distintos, sendo que o último corresponde especificamente às técnicas artísticas identificadas nas ilustrações dos diferentes baralhos.

DECK	PUBLISHER	PRINTER	YEAR	INTRO	CONCEPT	PECULIARITY
Tarot Mucha	Lo Scarabeo	TGS	2021	"An extraordinary tribute to the art of Alfons Mucha and to the tarot masters of the past."	Reinterpretação da arte Mucha.	Segue as regras RWS.
TRIONFI della LUNA	Deviant Moon Inc.	-	2016-2022	"TRIONFI della LUNA is the Marseille-style cousin of the Deviant Moon Tarot."	A versão ao estilo de Marselha do Baralho de Tarot Deviant Moon.	Segue a estrutura Marseille.
Thoth Tarot Deck	-	-	-	"This magnificent deck 78-card tarot deck contains kabbalistic astrological attributions as described in Aleister Crowley's The Book of Thoth."	Arte simbólica inspirada nos ensinamentos de Aleister Crowley.	Segue a estrutura RWS.
The Shadowland Tarot	Schiffer Publishing	-	2020	"Shadows are said to be part of unlit corners of a space where creatures lurk and mystery dwells."	Obra de arte única, criada por Monica Bodirsky.	O Baralho de Tarot Shadowland foi concebido no estilo do baralho de Tarot Waite-Smith, com um toque sombrio e caprichoso.
Eldritch Overload // Fantasy Cyberpunk Tarot	Weird.Works	-	-	"Step into the cyberpunk fantasy city of Neo-Valkan, a neon jewel in a desert wasteland of trash and dead civilizations."	"Fantasia Cyberpunk".	Segue a estrutura RWS.
Cosmic Tarot	AGM URANIA	-	-	"The intention of the Cosmic Tarot is to make the old knowledge acessible and understandable to everyone by using as few secret symbols as possible."	-	-
Ancien Tarot Marseille	Grimaud	Cartamundi	1980	-	Medieval/Renascença.	Reimpressão do tarot original Marseille
Starman Tarot	-	-	-	"Davide's work is potent visual alchemy:"	Tipografia experimental, arte urbana, imagens eróticas de ficção científica, influências de Caravaggio e do Renascimento, teoria do caos, filosofia, imagens destrutivas do punk rock, geometria sagrada e a arte de alguns dos primeiros baralhos de tarô, como o Sola Busca.	Segue as regras RWS.
The Book of Shadows Tarot - As Above	Lo Scarabeo	-	-	-	Tradições pagãs, divindades, wicca.	Não pertence à RWS, mas representa a teoria e os ensinamentos da Wicca através de ilustrações
The Book of Shadows Tarot - So Below	Lo Scarabeo	-	2013	-	Representação de como a espiritualidade wicca pode ser praticada no dia a dia.	Segue as regras RWS.
Smith-Waite Tarot Deck - Centennial Edition (RWS)	U.S. Games Systems Inc.	China	2015	"The Smith-Waite Centennial Tarot Deck faithfully reproduces the original 1909 tarot deck created by Pamela Colman Smith and celebrates its 100th anniversary."	Edição do 100.º aniversário do baralho Rider-Waite Tarot.	-
Golden Art Nouveau Tarot	Lo Scarabeo	-	2024	"The Art Nouveau movement arose in the late nineteenth and early twentieth centuries, a time when Europe was expecting relative peace after decades of conflict. Gazing back at this period of optimism, we have name it "la Belle Époque", the Beautiful Era. Chief among its beauties was Art Nouveau (New Art), a graceful decorative movement that spread like tendrils of a flowering vine throughout Europe and on to America. Translated to tarot, Art Nouveau brings sensual beauty to these timeless messages, allowing them to speak directly to the heart."	O Tarot representado através do estilo Art Nouveau, mas não em termos históricos, apenas estéticos.	Segue as regras RWS, mas utiliza numeração nos "major arcana" e símbolos nas de corte e pip.

Figura 39 — Tabela da análise qualitativa dos baralhos de Tarot

DECK	COUNTRY	PACKAGE	ARTWORK	ARTIST
Tarot Mucha	Torino, Itália	Cartão, revestido por papel revestido brilhante.	Art Nouveau, Mucha	Giulia F. Massaglia
TRIONFI della LUNA	EUA	Papel 300 gm, impresso e revestido em película.	Marseille Alternativo	Patrick Valenza
Thoth Tarot Deck	-	Papel 300 gm, impresso e revestido em película.	Impressionismo	Aleister Crowley and Lady Frieda Harris
The Shadowland Tarot	EUA	Papel 300 gm, impresso e revestido em película.	-	Monica Bodirsky
Eldritch Overload // Fantasy Cyberpunk Tarot	EUA	Cartão, revestido por papel revestido mate e com acabamento de holofail.	Fantasy Cyberpunk	Brenda Ho
Cosmic Tarot	Bélgica	Papel 300 gm, impresso e revestido em película.	Arte Contemporânea, representação de atores Hollywood	Norbert Lösche
Ancien Tarot Marseille	França	Papel 300 gm, impresso.	Renascentista	Paul Marteau
Starman Tarot	-	Papel 300 gm, impresso e revestido em película.	Alternativo, photo manipulation, collage	Davide de Angelis
The Book of Shadows Tarot - As Above	Torino, Italy	Papel 300 gm, impresso e revestido em película.	Realism	Gabrieli, Krynsinski, Rivolli
The Book of Shadows Tarot - So Below	Torino, Italy	Papel 300 gm, impresso e revestido em película.	Interpretação Contemporânea	Ariganello, Pastorello
Smith-Waite Tarot Deck - Centennial Edition (RWS)	Stamford, EUA	Caixa de latão, com ilustrações representadas nas faces.	Medieval	Pamela Colman Smith
Golden Art Nouveau Tarot	Torino, Itália	Embalagem impressa e colocada com o acabamento da colagem de gold foil, nos fundos das ilustrações, nos laterais e nas abas. O interior é vazio.	Art Noveau	Giulia F. Massaglia

DECK	MATERIAL		
	LINER	TECNIC	COLOR
Tarot Mucha	Caneta Preta, preferência tinta da china, ponta de pincel	Digital, Litografia	Aguarela
TRIONFI della LUNA	Caneta de tinta preta	Digital	Digital
Thoth Tarot Deck	Pastel de óleo	Óleo sobre Tela	Goache aguarela
The Shadowland Tarot	Caneta de ponta fina instável	Analogico	Aguarela
Eldritch Overload // Fantasy Cyberpunk Tarot	Digital	Digital	Digital
Cosmic Tarot	Pontileneo e linha fina de caneta ou tinta da china	gravura, litografia	digital
Ancien Tarot Marseille	Linha espessa em preto	Inicialmente litografia, mas aparenta ser uma reinterpretação digital	Originalmente uma monotipia, reinterpretado para digital
Starman Tarot	-	Edição de fotos, recortes	Digital
The Book of Shadows Tarot - As Above	-	Arte Digital, realismo	Digital
The Book of Shadows Tarot - So Below	Caneta de ponta fina instável	Analogico	Aguarela
Smith-Waite Tarot Deck - Centennial Edition (RWS)	Linha expressiva preta	Litografia, gravura	Aguarela
Golden Art Nouveau Tarot	Lápis de grafite preto para detalhes e tinta da china para o delineamento principal	Acabamento Gold foil nos fundos das ilustrações e analógico	Aguarela

► CAPÍTULO III

COMPONENTE EMPÍRICA: OBSERVAÇÕES E RESULTADOS

A fase inicial deste projecto consistiu num levantamento sistemático de baralhos de Tarot que apresentassem referências explícitas à cultura portuguesa, permitindo compreender o estado da arte e delimitar o espaço conceptual onde este trabalho se poderia inserir de forma pertinente. Apesar da vasta literatura dedicada à história, à simbologia e à interpretação psicológica do Tarot, observou-se que praticamente não existem propostas gráficas que adaptem o sistema simbólico do *Arcano Maior* ao imaginário português, o que evidencia uma lacuna metodológica e criativa que o design de comunicação pode colmatar. Esta ausência sugere que, embora o Tarot seja um sistema altamente reinterpretado em múltiplos contextos culturais, permanece pouco explorado no âmbito específico da narrativa, das tradições e das iconografias de Portugal.

No levantamento de casos, foi identificado apenas um exemplo relevante: o *Tarô Português*, publicado pela Mandala Esotérica em São Paulo, Brasil, cuja data de publicação original permanece desconhecida. Apesar de constituir um contributo interessante para a representação do imaginário português em formato de Tarot, este baralho centra-se quase exclusivamente no período dos Descobrimentos e nas figuras históricas associadas à expansão marítima, adoptando uma abordagem iconográfica que privilegia um momento particular da história nacional em detrimento da diversidade cultural, simbólica e regional que caracteriza Portugal. Embora desempenhe um papel pioneiro, este enfoque temático restrito revela limitações significativas quanto ao potencial de abrangência que um baralho de Tarot poderia alcançar ao representar o imaginário português de forma mais completa. A constatação destas limitações tornou evidente a pertinência de desenvolver um baralho que integrasse não apenas a história, mas também as lendas, os mitos, os símbolos populares, as tradições regionais e as paisagens que definem a pluralidade cultural do país. Assim, tornou-se possível conceber um sistema simbólico mais representativo, capaz de articular tradição e contemporaneidade e de reforçar o valor comunicacional do design enquanto mediador da identidade cultural.

METODOLOGIA DE ESTUDO

O processo metodológico deste projeto de ilustração e editorial estruturou-se em torno de três eixos fundamentais: a investigação iconográfica e literária, a experimentação gráfica e a construção iterativa das ilustrações e do manual guia. Numa fase inicial, procedeu-se a um levantamento histórico e conceptual dos arquétipos do tarot, com o objetivo de compreender a sua evolução visual e simbólica e de identificar os elementos estruturantes que deveriam ser preservados na adaptação cultural proposta. Posteriormente, foram desenvolvidos esboços exploratórios que procuraram articular estes arquétipos com referências características da cultura portuguesa, nomeadamente contos tradicionais, lendas, figuras históricas e trajes regionais.

A primeira carta produzida foi O Pastor, correspondente ao arquétipo tradicional The Fool (O Louco). A abordagem inicial consistiu na representação da figura inspirada no traje serrano de S. Silvestre da Ermida, na Serra da Amarela (Peixoto, 1990, pp. 222–270), utilizando exclusivamente a técnica de aguarela digital, de modo a aproximar-se visualmente dos baralhos clássicos. Contudo, esta fase experimental revelou limitações estilísticas, na medida em que não oferecia um suporte expressivo adequado para a coerência da série completa das vinte e duas cartas do *Arcano Maior*. Por esse motivo, retomou-se o esboço inicial e adotou-se um estilo gráfico mais pessoal e expressivo, preservando referências ao traje serrano, mas incorporando um traço mais orgânico que contribuisse para a unidade estética global do baralho.



Figura 40 — Gravura do traje serrano de S. Silvestre da Ermida, na Serra da Amarela (Peixoto, 1990, pp. 222–270)



Figura 41 — Carta *O Pastor*, a primeira tentativa ilustrativa no projeto.

A dimensão editorial e ilustrativa do projeto exigiu também a reflexão sobre a relação entre palavra e imagem. De acordo com Doyle (2019), a ilustração pode desempenhar diferentes funções na articulação com o texto, desde espelhar literalmente a informação verbal, até simbolizar conceitos, expandir ou estender significados ou, ainda, contradizer o texto para produzir interpretações mais complexas. No contexto deste projeto, estas possibilidades foram consideradas no processo de construção das cartas e do manual, uma vez que a integração de elementos visuais derivados do imaginário português implicou não apenas a representação descritiva, mas também a criação de significados simbólicos adicionais. Tal como refere Doyle (2019), a interação entre palavra e imagem gera fenómenos de counterpoint, nos quais novas camadas de sentido emergem da combinação entre ambos

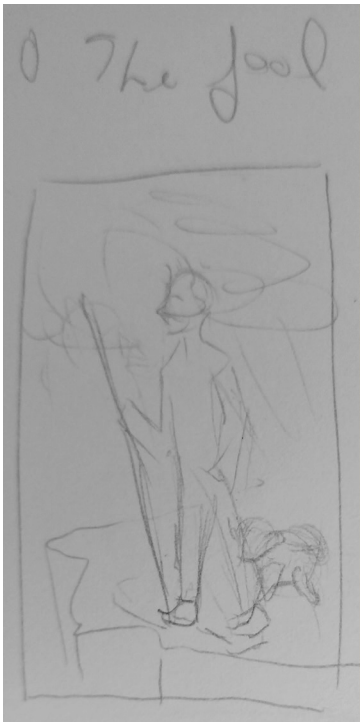


Figura 42 — Carta *O Pastor*, o primeiro esboço.

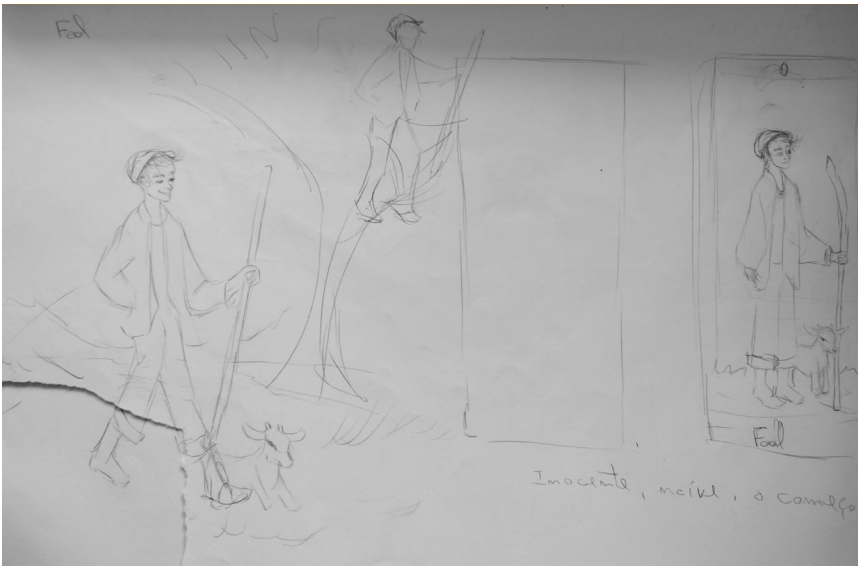


Figura 43 — A primeira tentativa de desenho estático do *Pastor*.

os sistemas comunicativos—uma dinâmica particularmente relevante no tarot, enquanto artefacto simultaneamente visual, narrativo e interpretativo.

Assim, a metodologia adotada procurou garantir que a ilustração não se limitasse a reproduzir o texto ou os arquétipos tradicionais, mas antes que contribuísse para a construção de um discurso visual enriquecido e culturalmente situado. A elaboração das cartas e do manual guia reflete, portanto, a articulação entre rigor interpretativo, coerência estética e experimentação gráfica, evidenciando a forma como a prática da ilustração e do design editorial pode mediar relações entre tradição, cultura e contemporaneidade. Este processo demonstra o potencial do tarot enquanto objeto artístico e simbólico, ampliado através de uma abordagem que valoriza o património cultural português e propõe uma narrativa visual renovada e distintiva.

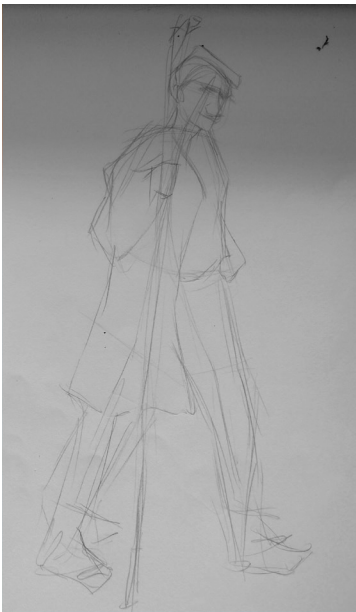


Figura 44 — esboço estático do *Pastor*

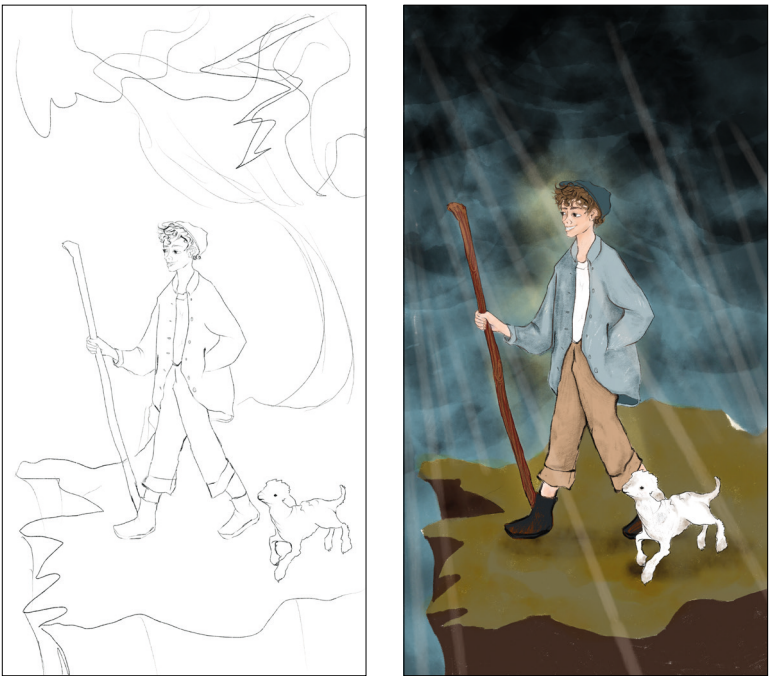


Figura 45 — Processo final da ilustração da carta do *Pastor*.

PROCESSO DE ILUSTRAÇÃO DAS CARTAS

A nível técnico, optou-se por um estilo caracterizado por um traço expressivo, complementado por uma combinação de lápis de cor e pintura em gouache digital, através da plataforma *Procreate*, permitindo criar uma sobreposição de texturas que conferisse profundidade às personagens. Para a construção das figuras humanas foram utilizados os princípios de proporção explicitados por Andrew Loomis (1943, pp. 26–42), enquanto as relações entre cor, luz e atmosfera seguiram as abordagens propostas por James Gurney (2010, pp. 28–86, 110–118, 136–148, 174–204), permitindo alcançar uma coerência visual que articulasse elementos naturais, figuras simbólicas e cenários.

Os cenários das cartas foram concebidos com base em paisagens portuguesas, nomeadamente na região do Douro e nos vales do Minho, recorrendo à aplicação sucessiva de aguarela digital para criar ambientes expressivos ajustados à dimensão emocional de cada arquétipo. Exemplo disso é *A Mãe*, associada a campos de trigo e cursos de água que simbolizam fertilidade, ou *O Patriarca*, cuja iconografia foi inspirada no trono régio português, reforçando visualmente a associação ao poder e à autoridade. Para além destas opções, explorou-se também a continuidade visual entre cartas, como no díptico conceptual formado por *A Torre* e *A Lua*, que permite observar a fluidez de movimento entre as composições. Noutro registo, a carta *A Morte* foi elaborada com recurso à monotonia cromática, utilizando predominantemente um único tom azul acinzentado sobre o branco do papel, o que intensifica o carácter simbólico de transição e transformação associado ao arquétipo.

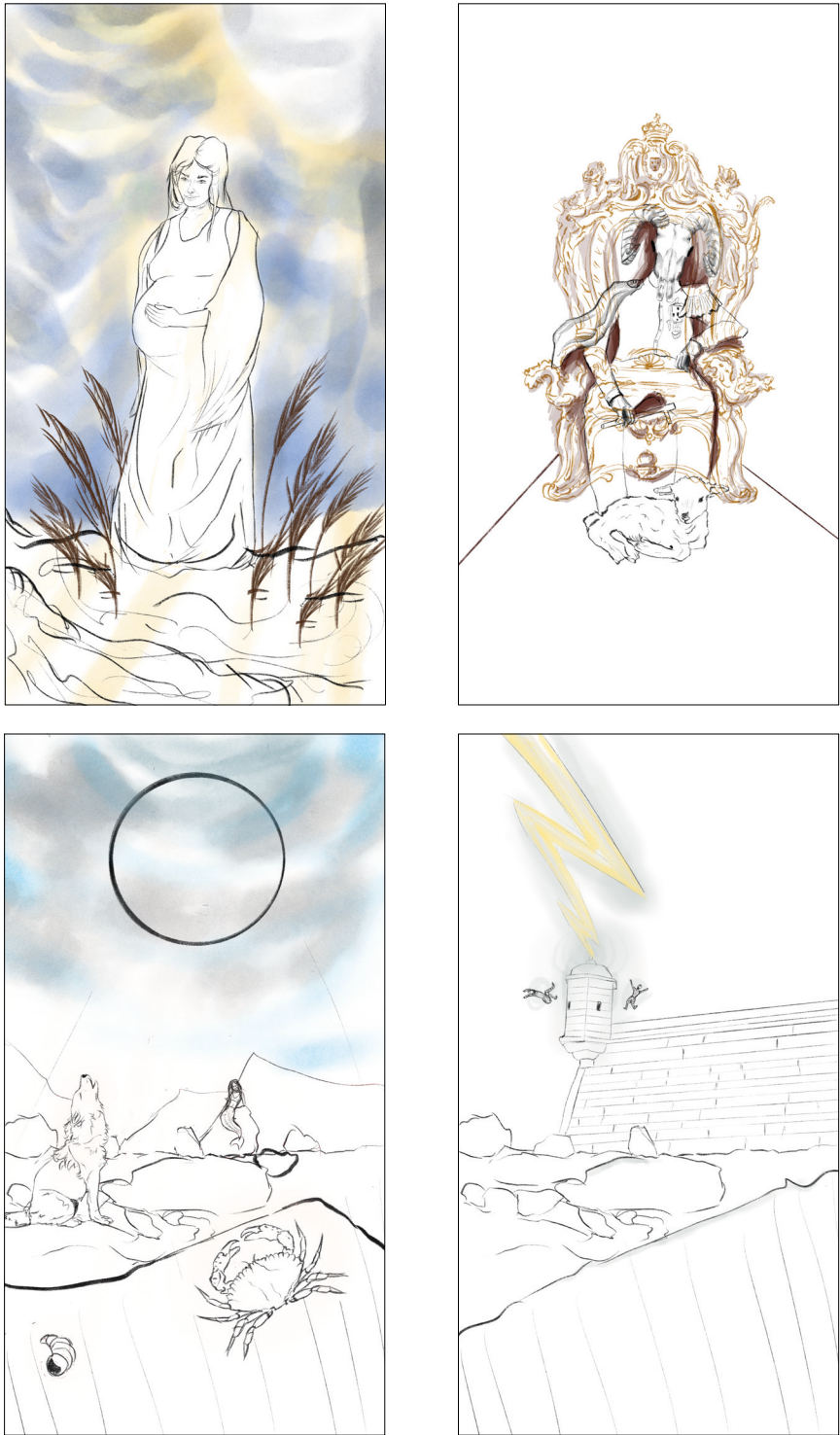


Figura 46 — Processo das paisagens nas cartas e a harmonia do desenho.

INTEGRAÇÃO DE CONTOS, MITOS E SÍMBOLOS PORTUGUESES

Numa fase subsequente, as ilustrações passaram a incorporar de forma sistemática elementos representativos da cultura portuguesa, tanto ao nível dos símbolos populares como das lendas e narrativas históricas. Assim, recorreu-se a ícones amplamente reconhecidos, como o *Galo de Barcelos*, que surge representado em padrão na carta *A Força*, e ao brasão português, integrado visivelmente na carta *A Carroça* e também discretamente noutras composições, como na porta da carruagem em *O Julgamento*. Do mesmo modo, as lendas constitutivas do imaginário nacional foram incorporadas sempre que apropriado, como no caso da lenda do milagre das rosas, representada na carta *O Sol*, e da profecia do Sebastianismo, integrada na figura de *O Eremita* (Pinheiro, 2014; RTP, 2012). Para além destas referências, elementos do vestuário tradicional português foram igualmente explorados, destacando-se o traje das mulheres do Douro (Cepa, 2023) e o padrão da capa de honras, que surgiu aplicado à manta da carta *A Mãe* (Peixoto, 1990, pp. 222–270). Em casos específicos, recorreu-se também à iconografia histórica disponível, como na carta *O Julgamento*, cuja composição se inspira directamente na ilustração do *Regicídio de Lisboa* publicada pelo *Le Petit Journal* em 1908.

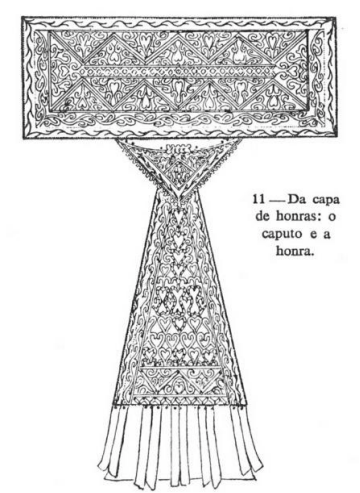


Figura 47 — Gravura da capa das honras: o caputo e a honra (Peixoto, 1990, pp. 222–270)



Figura 48 — Aproximação do padrão da manta da carta *A Mãe*



Figura 49 — Ilustração do *Regicídio de Lisboa* publicada pelo *Le Petit Journal* em 1908

EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS FINAIS

A análise dos resultados demonstra que a adaptação do sistema simbólico do Tarot à cultura portuguesa é não apenas viável, mas também extremamente enriquecedora, permitindo estabelecer um diálogo entre tradição, identidade e comunicação visual. A incorporação de mitos, símbolos, narrativas históricas e elementos do quotidiano cultural português revelou-se compatível com a estrutura universal do Tarot, reforçando a pertinência do design de comunicação enquanto disciplina capaz de reinterpretar e revitalizar sistemas simbólicos. A escolha de técnicas ilustrativas expressivas e a combinação de diferentes meios artísticos contribuíram para uma unidade visual que articula coerência formal e densidade simbólica. Acresce que o manual guia, concebido de forma a equilibrar rigor interpretativo e acessibilidade, constitui um instrumento fundamental para orientar utilizadores iniciantes e aprofundar a compreensão dos significados propostos.

De forma mais ampla, este estudo evidencia o potencial do design de comunicação para mediar relações entre sistemas simbólicos universais e identidades culturais específicas, demonstrando que a prática do design pode desempenhar um papel significativo na reinterpretação contemporânea do património simbólico português. O processo de criação deste baralho constitui, assim, um exemplo de como a investigação visual e a experimentação gráfica podem contribuir para o alargamento do repertório iconográfico nacional e para a construção de artefactos que reforcem a pluralidade e riqueza da cultura

▶ AS CARTAS

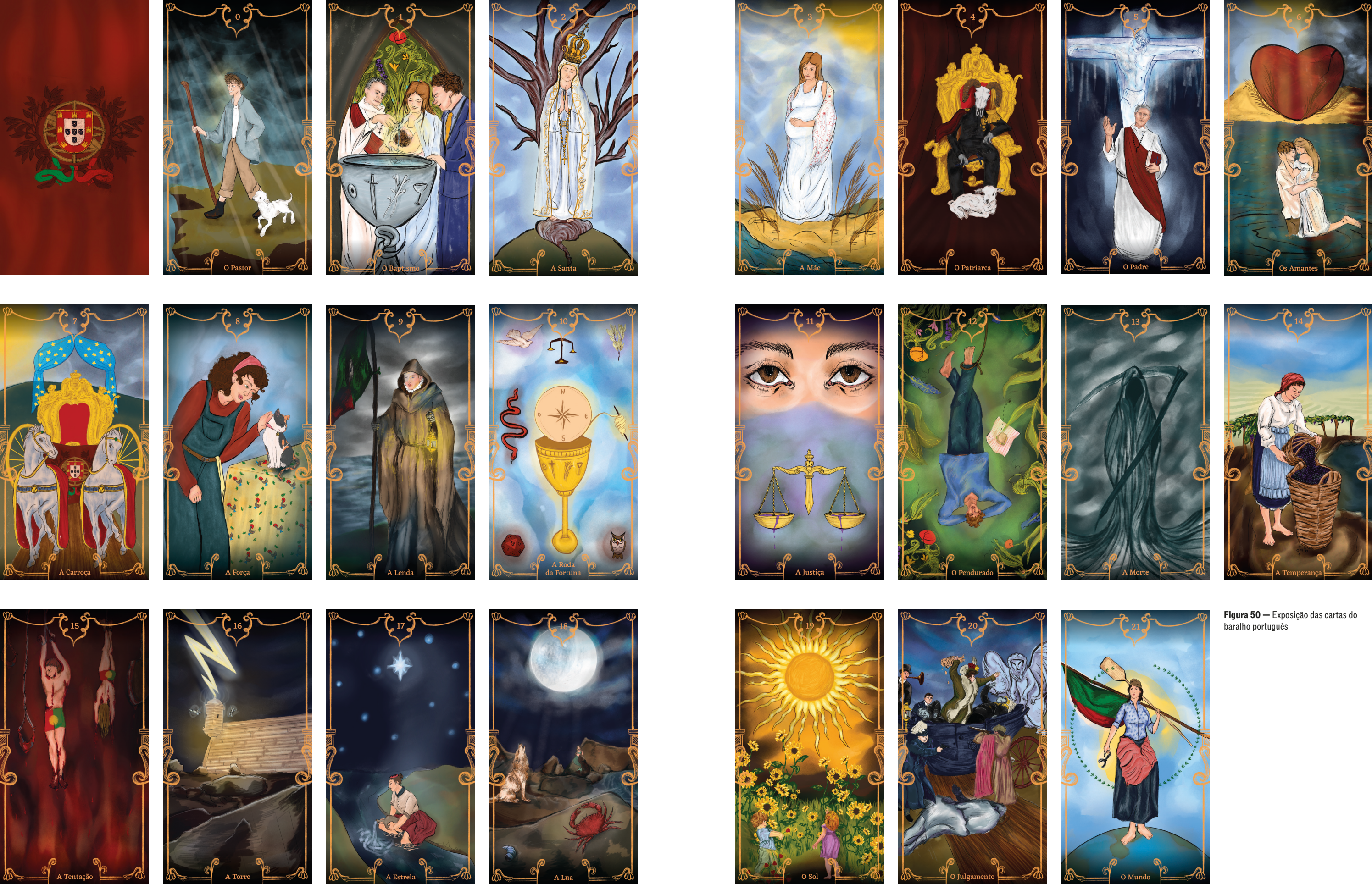


Figura 50 — Exposição das cartas do baralho português

► O MANUAL GUIA

DESENVOLVIMENTO DO MANUAL GUIA

A elaboração do manual guia seguiu uma estrutura inspirada nos modelos observados durante a análise qualitativa dos baralhos existentes. O documento inicia-se com uma contextualização histórica sintética do baralho desenvolvido, seguida da apresentação de um spread interpretativo baseado numa variante simplificada da *Celtic Cross*, utilizando três cartas para a leitura do passado, do presente e do futuro (Honors Curriculum Program of Alcorn State University, 2011, pp. 25–26). Finalmente, o manual fornece uma descrição interpretativa de cada carta, articulada com palavras-chave que visam facilitar uma compreensão intuitiva dos significados simbólicos associados ao *Arcano Maior*.

O TAROT PORTUGUÊS

O Tarot Português brota do coração da cultura nacional — um encontro entre os costumes e o quotidiano, onde a fé, o mar e as lendas se entrelaçam. Cada carta reflete a alma de um povo tradicional e corajoso, que vive entre a saudade e a tradição, desde a sua independência no século XII (1143).

A simbologia reunida neste baralho inspira-se nas tradições, lendas e contos que atravessam a história de Portugal e continuam vivos até hoje. Entre eles encontram-se “O Milagre das Rosas”, “A Lenda de Pedro e Inês”, “A Padeira de Aljubarrota”, “A Cigarra e a Formiga”, “Deu-la-Deu” e muitos outros.

Este tarot é uma viagem pela identidade portuguesa — uma representação simbólica que convida o leitor a redescobrir o encanto, a força e a alma do seu povo e das suas tradições.

COMO UTILIZAR AS CARTAS

Uma maneira simples de ler o Tarot é retirar três arcanos do baralho e colocá-los lado a lado, numa linha horizontal, como demonstrado na imagem. Cada carta representa, respetivamente: o passado, a introspeção do próprio e o futuro — revelando se há possibilidade de mudança ou não, e ajudando a criar um caminho de crescimento e evolução.

Explicando de uma forma mais detalhada:

- 1 ▶ **Retrospectiva** — Análise do passado.
Compreende o percurso que te trouxe até ao momento presente: as escolhas, os acontecimentos e as causas que moldaram a tua situação atual.
- 2 ▶ **Introspectiva** — Análise do próprio ser.
Explora os teus sentimentos, receios e esperanças. Entende o que realmente queres e o que não estás disposto(a) a aceitar como desfecho da situação em questão.
- 3 ▶ **Previsão** — Análise do futuro próximo.
Percebe a direção que o destino pretende seguir. Avalia se é necessária uma mudança de perspetiva perante o que estás a viver ou se deves manter o teu caminho atual. Descobre uma forma de construir um futuro que te permita crescer e evoluir.



1



2



3

0 — O PASTOR

A carta apresenta a figura de um rapaz jovem, de expressão serena e olhar sonhador, vestido com roupas simples e gastas e com a boina tradicional dos pastores portugueses, usada no seu dia a dia. Ele caminha com inocência e otimismo, no início de uma nova jornada, alheio ao perigo que o espera à beira de uma falésia. O céu tempestuoso anuncia mudança e desafio, enquanto um carneirinho ao seu lado tenta avisá-lo do risco que corre. Ainda assim, *O Pastor* segue confiante, guiado pela fé, pela esperança e pela exaltação da descoberta. Esta carta inspira-se nas crianças dos Pastinhos de Fátima — Lúcia dos Santos, Francisco Marto e Jacinta Marto — que afirmaram ter testemunhado as aparições do Anjo de Portugal e da Virgem Maria (Nossa Senhora de Fátima) entre 1916 e 1917, na Cova da Iria, Fátima (Junta de Freguesia de Fátima, 2024).

O Pastor representa o início de um caminho, a abertura ao mistério da vida e a confiança pura de quem segue o chamado do coração, mesmo sem saber o destino. É a inocência que se lança no desconhecido, a fé que guia os primeiros passos, e o otimismo que ilumina o início de todas as jornadas. Ele é o espírito em busca de experiência, síntese de muitos símbolos dos Mistérios Instituídos, que, sob elevados desígnios, invertem as confusões que o precedem. Tal como refere Waite (1922, 152 - 155), *O Louco* “significa a carne, a vida sensível” e, num certo sentido, a insensatez sagrada daquele que ousa começar. Assim também *o Pastor* encarna o impulso puro da alma que, guiada

pela fé, se lança no mundo para viver, aprender e transformar-se.

Palavras-Chave: inícios, abertura, optimismo, confiança, inocência, exaltação.



Figura 51 — Carta, *O Pastor*



Figura 52 — Carta, *O Baptismo*

1 — O BAPTISMO

O Baptismo simboliza o despertar da alma perfeita, o momento em que o espírito é purificado e se abre à manifestação divina. Esta cerimónia, profundamente enraizada na tradição cristã, representa o renascimento espiritual, a *força* de vontade que conduz a alma à luz e o início consciente de uma nova criação interior.

A carta mostra um padre no ato de batizar um recém-nascido, diante dos padrinhos, num templo sereno e banhado por uma luz sagrada. A água que cai simboliza a bênção do Espírito, a energia que flui entre o divino e o humano, revelando o poder da manifestação criativa e dos dons espirituais. Na taça de pedra usada para o ritual, vê-se uma serpente esculpida na base — símbolo antigo da sabedoria, da transformação e da energia vital que se renova.

Atrás, um vitrail primaveril deixa penetrar raios dourados e verdes, irradiando uma aura de renascimento e esperança que preenche o espaço sagrado como um sinal divinatório. Em Portugal, esta prática é profundamente enraizada, refletindo a alma de um povo cristão desde a reconquista de D. Afonso Henriques e da confirmação do apoio da religião através do reconhecimento papal da sua independência em 1179. (Mattoso, p.90)

Assim, *O Baptismo* é mais do que um rito: é a afirmação do espírito criador, a escolha consciente de servir à luz e o momento em que o divino se manifesta através do humano. É a

posse e a comunicação dos Dons do Espírito — as forças invisíveis que, tal como os símbolos dos quatro elementos diante do Mago, representam a totalidade da vida natural, colocada perante o iniciado para que ele as adapte segundo a sua vontade. Este mistério exprime o motivo divino no ser humano, refletindo Deus e libertando a vontade na sua união com o que é superior. Tal como descreve Waite (1922), esta manifestação simboliza “a unidade do ser individual em todos os planos”, a vontade criadora que reflete o divino e conduz à libertação espiritual.

Assim, tal como o Mago manifesta a unidade do ser em todos os planos, também *O Baptismo* consagra a alma como pensamento fixado na criação divina — a centelha consciente que reconhece no renascimento espiritual o caminho “até à Ogdóade”, a oitava sagrada de que falavam os gnósticos cristãos, símbolo da regeneração e da vida eterna (Waite, 1922, pp. 72 - 75).

O Baptismo é, portanto, o portal da criação: onde a vontade se une ao espírito, a alma desperta para o seu propósito, e o humano torna-se reflexo vivo do divino.

Palavras-Chave: a alma perfeita; força de vontade, manifestação criativa, dons divinos, escolhas e oportunidades.

2 — A SANTA

A carta revela a aparição da *Santa*, representada como Nossa Senhora de Fátima, segundo o relato das crianças conhecidas como os Pastorinhos de Fátima — Lúcia dos Santos, Francisco Marto e Jacinta Marto — que afirmaram ter testemunhado as aparições do Anjo de Portugal e da Virgem Maria entre os anos de 1916 e 1917, na Cova da Iria, em Fátima (Junta de Freguesia de Fátima, 2024).

Assim, *A Santa* manifesta-se sobre o tronco de uma azinheira, tal como a história descreve, envolta numa luz serena e celestial. Veste roupas brancas adornadas com delicados detalhes dourados, símbolos da pureza e da sabedoria divina. Ao peito traz um rosário, e as suas mãos encontram-se unidas em oração silenciosa, irradiando paz e compaixão. Na cabeça, repousa a coroa portuguesa, sinal da união entre o sagrado e o humano, entre o Céu e a Terra. O seu sorriso gentil transmite calma e esperança, refletindo a consciência iluminada que transcende o entendimento comum.

A Santa é o arquétipo da sabedoria espiritual e dos mistérios femininos. Ela representa a voz interior que guia pela fé, a intuição que revela o invisível e o aprofundamento da alma através do silêncio e da devoção. É *a Lua* alimentada pelo leite da Mãe Suprema, e, de certo modo, também a própria Mãe Suprema — o reflexo luminoso da divindade. Como descreve Waite (1922, pp. 76 - 79), é neste sentido de reflexão que o seu nome mais verdadeiro e elevado é Shekinah, a glória co-habitante. Misticamente,

ela é a Esposa Espiritual do justo, e quando este lê a Lei, é ela quem lhe revela o significado divino. Em muitos aspetos, esta presença é a mais alta e sagrada entre os *Arcanos Maiores*.

Quando esta carta surge, convida à escuta interior, à paciência sagrada e à busca do conhecimento espiritual. É um lembrete de que a verdadeira iluminação nasce da humildade, da fé e da comunhão com o divino.

Palavras-Chave: sabedoria, consciência iluminada, mistérios femininos, aprofundamento.



Figura 53 — Carta, *A Santa*

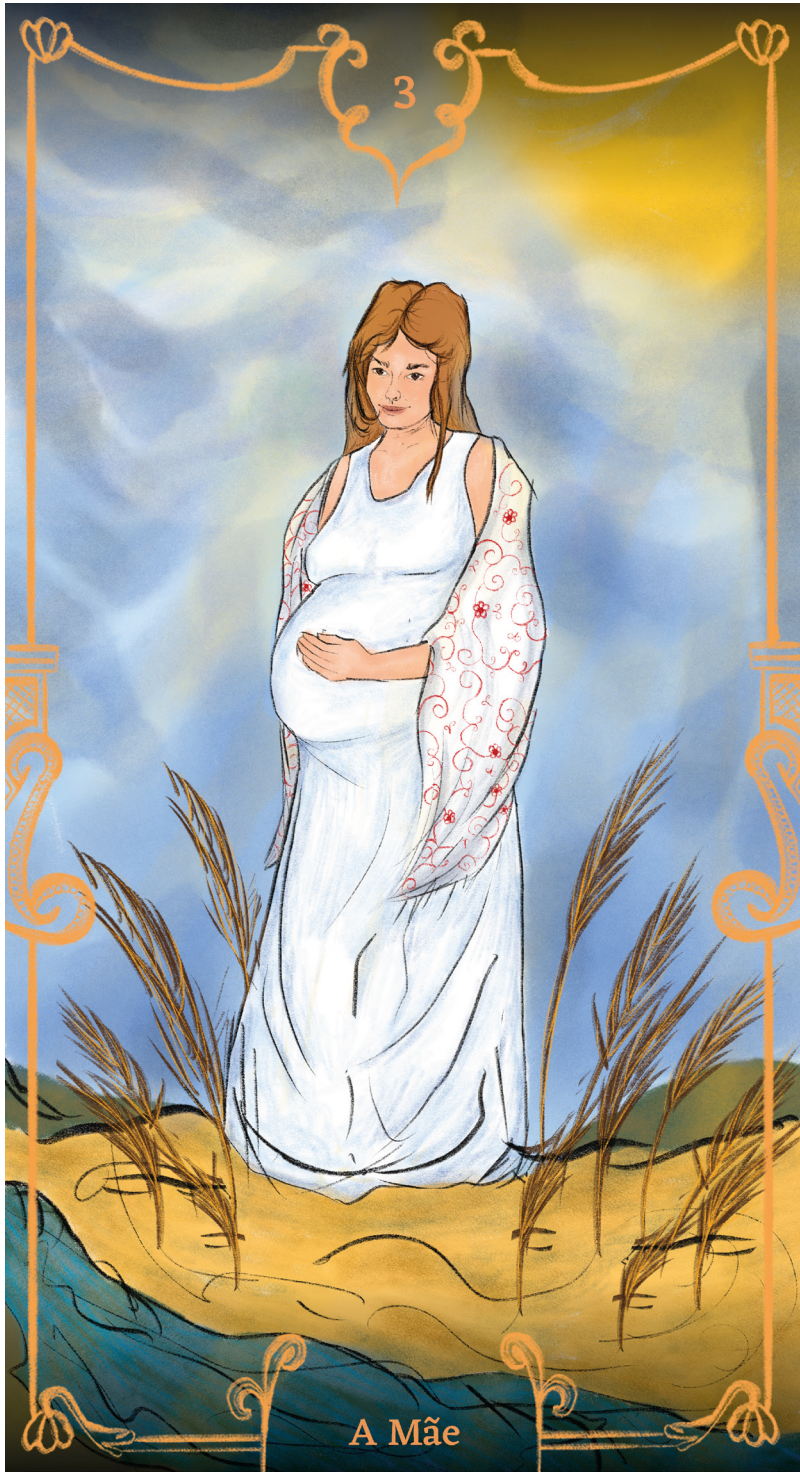


Figura 54 — Carta, *A Mãe*

3 — A MÃE

A *Mãe* é a carta que encarna o amor maternal, a prosperidade e o poder criador da feminidade. Ela representa a mulher perfeita e fértil, a união de todas as qualidades fortes das rainhas do *Arcano Menor*, elevadas à sua expressão mais completa e divina.

Na carta, *A Mãe* encontra-se num campo de trigo dourado, símbolo da abundância e da colheita que nasce do cuidado e da dedicação. O seu ventre grávido anuncia a promessa da vida e da criação — não apenas a geração física, mas também a fertilidade criativa e o nascimento de novas ideias e possibilidades. A sua presença é aconchegante e protetora, irradiando serenidade e ternura. Atrás dela, um riacho cristalino flui suavemente, representando o sentimento que nutre, o amor que flui livremente e a emoção que dá vida ao mundo.

A *Mãe* é o arquétipo do cuidado nutritivo e da sexualidade feminina sagrada, aquela que cria, protege e sustenta. Ela é o Jardim do Éden inferior, o Paraíso terreno, tudo o que é simbolizado pela casa visível da humanidade. Como descreve Waite (1922, pp. 80 - 83), não é Regina coeli, mas continua a ser o refúgio dos pecadores, *A Mãe* fértil de milhares. Acima de todas as coisas, representa a fecundidade universal e o sentido exterior da Palavra — a expressão viva do amor divino que se manifesta na matéria.

Quando esta carta surge, anuncia tempos de prosperidade, criatividade e afeto. Convida-te a nutrir os teus projetos, a cuidar de ti e dos

outros com compaixão, e a reconhecer a beleza do ciclo da vida, onde amor e criação se entrelaçam em perfeita harmonia.

Palavras-Chave: amor maternal, limite criativo, prosperidade, cuidado nutritivo, sexualidade feminina.

4 — O PATRIARCA

No trono real português, trabalhado em ouro e veludo escarlate, senta-se *O Patriarca* — a personificação da ordem, da autoridade e da força criadora masculina. A sua cabeça ergue-se sobre um crânio de carneiro, símbolo do instinto de domínio e da energia vital da proteção dos seus. Aos seus pés, repousa um carneirinho, representação da inocência sob proteção e da harmonia entre força e ternura — o poder que guia, mas também protege.

O líder veste a vestimenta real portuguesa, símbolo de tradição, estrutura e legado. Na sua mão direita segura uma cruz cristã, emblema da fé que legitima o seu poder e da ligação entre o espiritual e o terreno. O seu olhar é firme e paternal, refletindo tanto a serenidade de quem governa com sabedoria quanto a severidade de quem impõe limites.

Esta carta fala de liderança, autoridade e estabilidade, mas também do aspecto paternal da proteção — o poder que se manifesta não apenas através do domínio, mas da responsabilidade. Representa o princípio da ordem e da estrutura, a civilização construída pelo homem, e a sexualidade masculina em sua forma madura e afirmativa. Tal como observa Waite (1922, pp. 84 - 87), o Imperador é “a vontade na sua forma corporificada” (Tradução Livre), expressão das virtualidades contidas no Ser Absoluto. Assim, *O Patriarca* manifesta *a força* que molda e sustenta o mundo, a ordem que dá forma ao espírito e a consciência que governa com propósito.

Quando surge numa leitura, *O Patriarca* lembra que é tempo de assumir o comando, estabelecer fronteiras, proteger o que é teu e construir com propósito. Ele pede firmeza, sabedoria e coragem — a energia do homem que cria e sustenta o mundo à sua volta.

Palavras-Chave: liderança, protecção paternal, poder, autoridade, civilização criada pelo homem, sexualidade masculina.



Figura 55 — Carta, *O Patriarca*



Figura 56 — Carta, *O Padre*

5 — O PADRE

O Padre é o guardião da fé e da tradição, o elo entre o humano e o divino, aquele que transmite os ensinamentos espirituais autênticos através da palavra, do rito e da presença. Ele representa a autoridade espiritual e a orientação reconfortante que conduz o fiel ao caminho da luz, dentro da estrutura segura da tradição.

Na carta, *O Padre* encontra-se no momento solene da bênção, com as mãos erguidas e o olhar sereno voltado para o alto. Atrás dele, manifesta-se a presença luminosa do Espírito de Jesus na cruz, símbolo da redenção e da fé que transcende o sofrimento humano. A sua figura está envolta numa aura de tons azuis e suaves, que transmite a veracidade da bênção. *O Padre* veste a sua farda de padre cristão: um vestido branco que simboliza a pureza espiritual, sobre o qual repousa uma faixa vermelha viva, sinal do sacrifício e do amor divino. Ao peito traz um rosário, representando a devoção, a disciplina e a ligação constante com o sagrado.

O Padre é o arquétipo da sabedoria religiosa, da fé estruturada e do ensinamento transmitido através das gerações. Ele é, como descreve Waite (1922, pp. 88 - 91), a *summa totius theologiae* quando levada à sua mais rigorosa expressão — o símbolo de tudo o que é justo e sagrado no plano manifestado. É o canal da graça pertencente ao mundo da instituição, distinto do mundo da natureza, e o guia da salvação para a humanidade. Representa a ordem e a cabeça da

hierarquia reconhecida, reflexo de uma ordem hierárquica maior e divina. No entanto, recorda também o perigo de o pontífice esquecer o significado do seu próprio estado simbólico e agir como se contivesse em si toda a verdade que o seu signo apenas busca revelar.

Assim, *O Padre* fala de valores, doutrina e tradição, lembrando que a espiritualidade não vive apenas na revelação interior, mas também no compromisso com a comunidade e com os rituais que sustentam a fé. No entanto, esta carta também adverte para o controlo dogmático — o risco de a fé se tornar prisão, quando o espírito é subjugado pela forma. Assim, *O Padre* desafia o buscador a encontrar equilíbrio entre o respeito pela tradição e a liberdade da alma.

Quando esta carta surge numa leitura, *O Padre* oferece guia e conforto, indicando um caminho de sabedoria, estudo e partilha espiritual. Ele recorda que a verdadeira fé nasce do coração, mas cresce através da transmissão e da comunhão — onde o humano e o divino se encontram num mesmo gesto de bênção.

Palavras-Chave: tradição religiosa, ensinamentos espirituais autênticos, orientação reconfortante, controlo dogmático.

6 — OS AMANTES

Dentro de um rio límpido, dois amantes vestem-se de branco — puros, entregues, unidos num beijo que suspende o tempo. As suas vestes refletem a inocência e a verdade do amor genuíno, enquanto a água os envolve como o ventre da criação: fluida, viva, espelho das suas emoções.

Acima deles, à distância, repousa um coração sobre uma cama de trigo dourado, símbolo da fertilidade, da abundância e da promessa de colheita — o fruto da união entre duas almas. O céu está quase limpo, mas no canto superior direito uma tempestade começa a formar-se, trazendo a lembrança de que todo amor verdadeiro carrega em si o risco, a prova e a escolha. O coração, ao rachar, envia uma fenda pela terra, fazendo o rio tingir-se de vermelho sombrio — o sangue da paixão, da entrega e também do sacrifício. Este é o momento em que o amor deixa de ser apenas emoção e torna-se decisão: escolher o outro, o compromisso, ou ceder à tentação e ao medo.

Como observa Waite (1922, pp. 92 - 95), esta carta evoca a juventude, a inocência e o amor antes de ser tocado pelo desejo material. É “a carta do amor humano, exibido como parte do caminho, da verdade e da vida” (Tradução Livre), onde a figura feminina representa a atração pela vida sensível — não como uma tentação consciente, mas como a manifestação de uma lei secreta da providência que conduz o homem à sua completude. Assim, através da sua “queda imputada”, o homem eleva-se

espiritualmente, e é apenas por meio dela que pode tornar-se inteiro. Esta é, portanto, uma das grandes expressões do mistério da feminilidade e da união sagrada entre opostos (Waite, 1922, pp. 92 - 95).

Os Amantes são o arquétipo das almas gémeas — duas partes que se reencontram, reconhecendo-se além do tempo e da carne. Representam o poder da escolha, a dualidade entre o coração e a razão, entre o prazer e a responsabilidade, entre o sonho e o caminho real.

Quando esta carta surge, convida à reflexão sobre o compromisso e as tentações que o rodeiam. Fala de uma decisão importante, onde o amor pede verdade, coragem e entrega. O beijo no rio é a promessa; a tempestade no horizonte, a prova.

Em conclusão, *Os Amantes* recordam que amar é escolher — e toda escolha verdadeira transforma o destino.

Palavras-Chave: almas gémeas, escolha do compromisso, as tentações do amor, uma decisão importante.

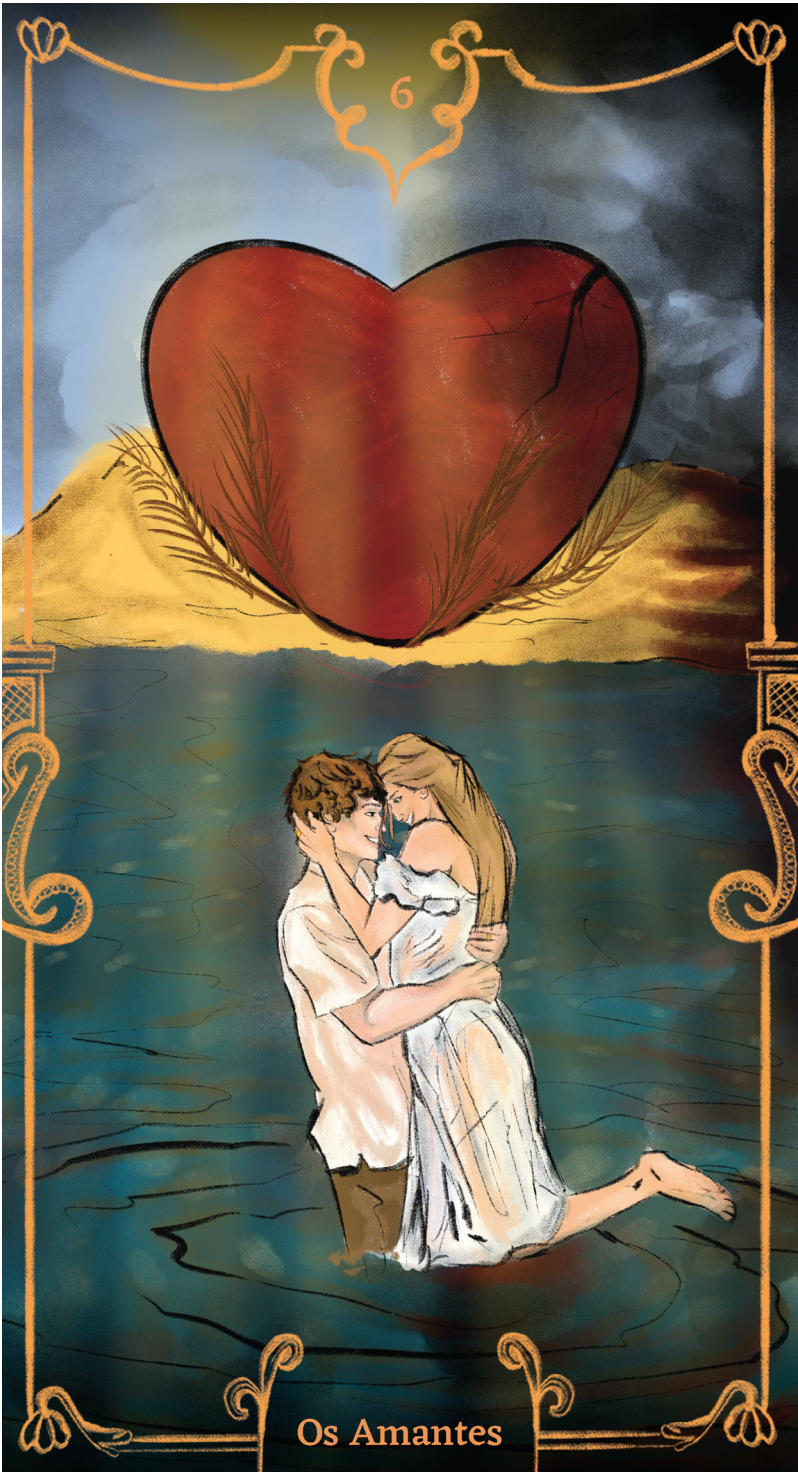


Figura 57 — Carta, *Os Amantes*

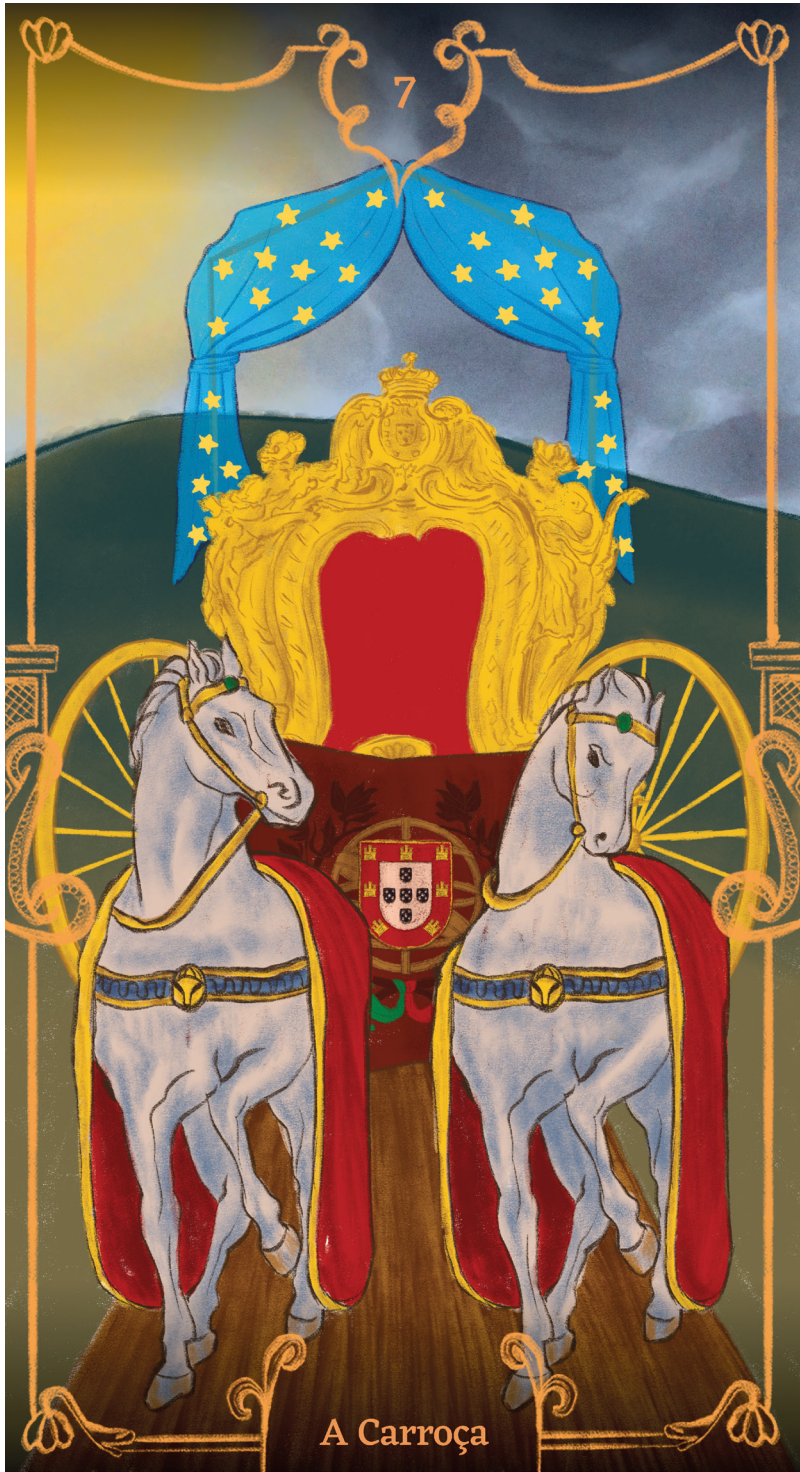


Figura 58 — Carta, *A Carroça*

7 — A CARROÇA

A *Carroça* representa o sucesso conquistado pelo próprio mérito, o sentimento de realização e a capacidade de gerir o próprio destino com determinação e confiança. É a carta da vitória consciente, aquela que surge quando o espírito domina as forças contrárias da vida e avança com propósito.

Na carta, vê-se uma carroça majestosa construída em ouro sólido, brilhando sob a luz do sol. A sua estrutura forte assemelha-se ao trono real português, símbolo de conquista, honra e soberania pessoal. No entanto, *a carroça* não tem condutor: ela avança sozinha, movida por uma força invisível, guiada pelo equilíbrio do espírito e pela clareza da vontade do destino.

À frente, dois cavalos poderosos, ambos brancos, avançam lado a lado, cada um com o símbolo da esfinge gravado no colar do peito. Uma cortina azul-clara salpicada de estrelas douradas cobre a parte superior da carroça, evocando a proteção celestial e o sentido de destino divinamente guiado. O caminho é de terra firme, iluminado por um dia vivo de sol — símbolo da clareza e da confiança que acompanham o viajante que acredita em si mesmo.

Segundo Waite (1922, p.99), esta carta alude às provas de iniciação que o herói ultrapassou com triunfo, as quais “não devem ser compreendidas apenas em termos físicos ou racionais” (Tradução Livre), mas como etapas simbólicas do domínio espiritual e da superação interior. Assim, a vitória da *Carroça* não é

apenas externa ou material, mas o reflexo da harmonia entre a vontade, o instinto e a fé que move a alma na sua jornada.

A *Carroça* fala de autodomínio, progresso e sucesso pessoal. Representa o momento em que o indivíduo assume as rédeas invisíveis da própria vida, dirigindo-se com coragem para a sua meta. Ela recorda que o verdadeiro triunfo não vem do acaso, mas do equilíbrio interior e da vontade consciente.

Quando esta carta aparece na leitura, anuncia vitória, movimento e conquista. É o sinal de que estás preparado para avançar — que a tua fé em ti mesmo é o motor da tua jornada. A *Carroça* é a celebração do destino conduzido pelas tuas próprias mãos, ainda que guiado pela luz do alto.

Palavras-Chave: sucesso, auto-satisfação, sentimento de realização, gerir o próprio destino.

8 — A FORÇA

Na carta, vê-se uma mulher vestida com uma jardineira simples, uma camisola vermelha e um lenço cor-de-rosa atado à cabeça. A sua postura é tranquila e confiante, o olhar suave mas firme — símbolo da força interior que não precisa de violência para vencer. Diante dela, sobre uma mesa coberta por uma toalha amarela-clara, repousa uma gata tricolor, elegante e calma, com uma coleira que ostenta o símbolo astrológico de Leão.

A mulher acaricia a gata com gestos calmos, e a felina responde com serenidade — um retrato perfeito da união entre o instinto e a compaixão. A toalha sobre a mesa apresenta um padrão decorado com o Galo de Barcelos, ícone tipicamente português que simboliza fé, justiça e confiança — virtudes que ecoam o espírito desta carta.

Este cenário reflete a vitória do espírito sobre o impulso, a superação dos medos e o desafio ao ego através da ternura, da paciência e do autodomínio. *A Força* não é a dominação física, mas o poder silencioso de quem conhece o próprio coração e o guia com sabedoria. Como observa Waite (1922, pp. 100 - 103), a Fortitude, em um dos seus aspetos mais exaltados, está ligada ao Mistério Divino da União; a virtude opera em todos os planos e, por isso, retira do conjunto toda a sua simbologia. Conecta-se também com a innocentia inviolata e com *a força* que reside na contemplação. Em certo sentido, o leão simboliza as paixões, e aquela que é chamada *Força* representa a natureza

superior em libertação — o domínio do espírito sobre os instintos, pela sabedoria e pelo amor consciente.

Quando esta carta surge, anuncia um momento de crescimento interior, onde é preciso agir com equilíbrio e compaixão, enfrentando os desafios com coragem serena. É o lembrete de que a verdadeira força nasce da aceitação e da harmonia — quando o amor e o instinto se encontram num mesmo gesto de confiança.

Palavras-Chave: superar os instintos mais baixos, conquistar os medos, um desafio ao ego, a união de duas forças em harmonia.



Figura 59 — Carta, *A Força*



Figura 60 — Carta, *A Lenda*

9 — A LENDA

A Lenda representa a sabedoria universal que nasce da introspeção e do silêncio interior. É a carta da solidão espiritual, do retiro sagrado e da busca pela luz divina dentro da escuridão.

Na carta, vemos D. Sebastião, envolto numa capa castanha com capuz, caminhando à beira da costa portuguesa sob um céu nublado e pesado de névoa. Na sua mão esquerda, segura uma lanterna que lança um brilho quente sobre o seu rosto sereno e as dobras da sua roupa, simbolizando a luz da consciência que guia o peregrino no meio da incerteza.

A figura solitária evoca o mito do rei desaparecido na batalha de Alcácer Quibir (1578), cuja ausência mergulhou o país numa crise dinástica que colocou os reis de Espanha no trono português. A profecia do Sebastianismo explicaria o retorno do rei numa manhã de nevoeiro para libertar Portugal e restaurar a sua glória (RTP, 2012).

O mar brumoso representa o véu do desconhecido, o espaço entre o mundo terreno e o divino, enquanto a luz da lanterna simboliza a sabedoria que nasce do silêncio, da paciência e da fé da alma iluminada.

Waite (1922, p. 104) descreve esta figura não como um sábio em busca da verdade e da justiça, mas como alguém que já alcançou a iluminação espiritual. O eremita segura a sua lanterna “numa elevação”, símbolo do farol interior que guia os que ainda caminham na

sombra. O seu gesto transmite a mensagem implícita de que “onde eu estou, tu também podes estar” (Tradução Livre) — uma promessa de que a luz da consciência é acessível a todos os que se recolhem e buscam em profundidade.

Quando esta carta surge, convida à introspeção profunda, ao recolhimento e ao contacto com o próprio espírito. É o momento de ouvir a voz interior, de encontrar na solidão não o vazio, mas a iluminação — o propósito revelado no silêncio do retiro. (Waite, 1922, p. 104)

Palavras-Chave: sabedoria universal, solidão espiritual, a alma iluminada, retiro num santuário.

10 — A RODA DA FORTUNA

A Roda da Fortuna simboliza o tempo e a eternidade, o movimento inevitável da mudança e o ciclo incessante da sorte e do destino. Representa o mundo em constante rotação, onde tudo nasce, cresce, transforma-se e renasce, sendo uma lembrança de que nada é fixo e de que a verdadeira sabedoria está em aceitar o fluxo contínuo da vida.

No centro da carta encontra-se a Roda dos Ventos, fundida na forma sagrada de uma hóstia, unindo o divino ao terreno. À medida que gira, a roda envolve o fio dourado das Moiras, as deusas gregas que tecem e desenrolam o destino de todos os seres. O seu movimento é silencioso e eterno, regido pela deusa romana Fortuna, senhora do acaso, da sorte e da esperança. A sua presença invisível paira sobre o mundo humano, lembrando que tudo o que sobe pode descer, e tudo o que se perde pode voltar a surgir sob nova forma.

Abaixo da roda repousa um cálice de ouro, símbolo de comunhão e prosperidade, gravado com os elementos do *Arcano Menor*, representando as forças que sustentam a experiência humana — o pensamento, a ação, o sentimento e a matéria. Ao lado esquerdo do cálice, uma serpente vermelha desce, apontando para o chão, símbolo da queda, da tentação e da transformação inevitável. Do lado direito, um novelo dourado repousa, guardando o fio do destino pronto a ser tecido novamente. Em cada canto da carta, o equilíbrio entre luz e sombra revela-se através de símbolos de dualidade.

No alto, o pombo branco e o ramo de loureiro irradiam esperança, bênção e vitória espiritual. Abaixo, um dado dourado mostrando o número treze e uma coruja silenciosa recordam que o acaso e a sabedoria coexistem, que o caos e o entendimento caminham lado a lado. No topo da carta ergue-se uma balança perfeitamente equilibrada, lembrando que o movimento da roda é regido por uma ordem superior — *a justiça* invisível que mantém o cosmos em harmonia. Nenhum giro é aleatório: cada mudança responde ao equilíbrio entre causa e consequência, perda e conquista.

Segundo Waite (1922, pp. 108 - 111), esta carta expressa o movimento perpétuo de um universo fluido e o fluxo contínuo da vida humana. Por trás deste símbolo, porém, reside a negação do acaso e do destino cego: o que parece sorte é, na verdade, manifestação de uma ordem maior que rege o movimento de todas as coisas. Assim, *A Roda da Fortuna* não fala apenas de mudança, mas do desígnio oculto que sustenta cada viragem — o princípio divino que guia o ciclo da criação e do renascimento.

O fundo é um céu azul-claro coberto de nuvens suaves, evocando o domínio do espírito e o passar do tempo. Assim, *A Roda da Fortuna* relembra que o destino está sempre em movimento. O tempo gira, o fio tece, a sorte muda — e, no centro de tudo, permanece o mistério da eternidade.

Palavras-Chave: tempo, eternidade, o mundo temporal, a inevitabilidade da mudança, fortuna, sorte.

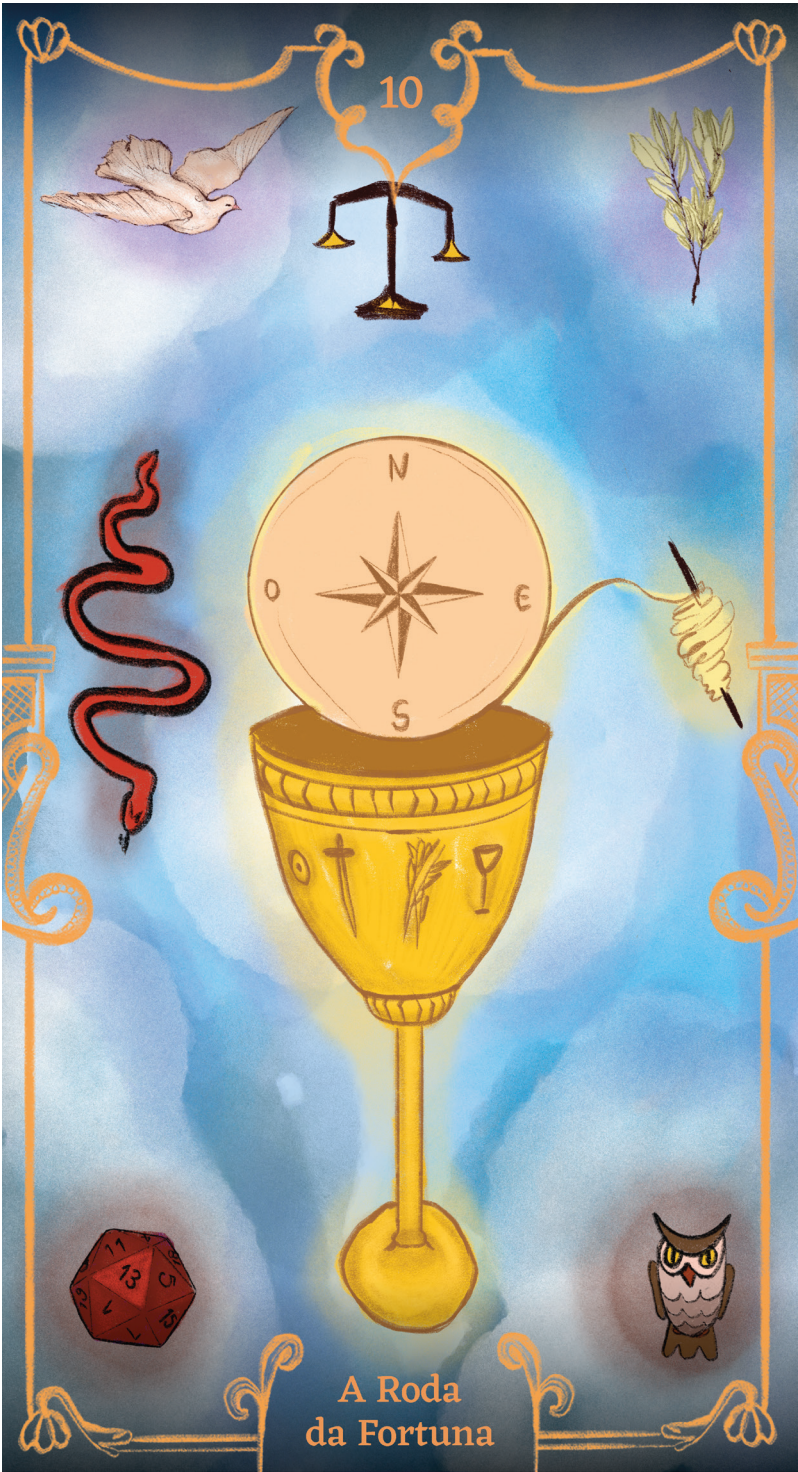


Figura 61 — Carta, *A Roda da Fortuna*

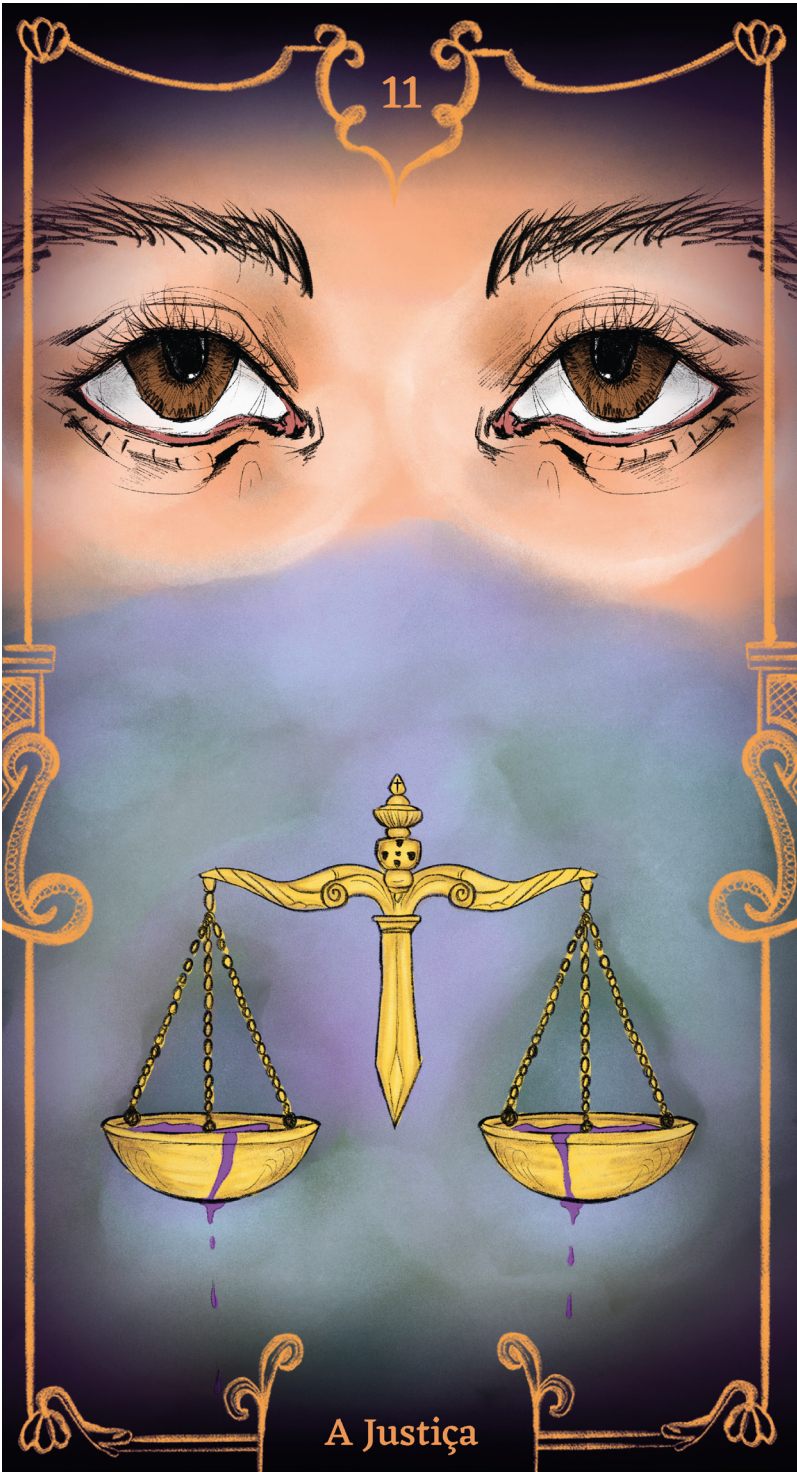


Figura 62 — Carta, *A Justiça*

11 — A JUSTIÇA

A Justiça é o espelho do karma e das consequências das nossas ações. É *a força* que equilibra o destino, que revela a verdade por trás da aparência e que nos chama a encarar a realidade tal como ela é. Esta carta surge quando o tempo exige honestidade — conosco próprios e com o mundo — lembrando que cada escolha molda o fio do nosso caminho, e que todo o ato traz o seu retorno inevitável.

Na carta, veem-se olhos castanhos, cansados mas solidários, pairando sobre o cenário como se contemplassem a alma humana com compaixão e lucidez. São os olhos da consciência — firmes, atentos e justos — que veem para além da ilusão e distinguem o certo do errado, o que deve ser preservado e o que precisa ser corrigido.

Sob o olhar sereno, ergue-se uma balança de ouro, sustentada por uma espada e o escudo português, símbolos da força, da verdade e da identidade. Os dois pratos equilibram-se com vinho tinto, representando o sangue e o espírito, o sacrifício e a celebração, a vida que se pesa entre culpa e redenção. Nada escapa ao olhar da *Justiça* — nem o erro, nem o perdão.

O fundo da carta é roxo e lilás, com delicados tons de verde, evocando o mistério da espiritualidade e a serenidade da cura. O roxo revela o poder do discernimento espiritual; o verde, a promessa da restauração e do equilíbrio. Juntos, formam um véu de sabedoria que envolve a

cena, lembrando que a verdadeira Justiça não é vingança, mas harmonia reencontrada.

Segundo Waite (1922, pp. 112 - 115), a figura da Justiça está sentada entre colunas, como a própria Sacerdotisa, revelando que o princípio moral que “dá a cada homem segundo as suas obras” está em analogia com o espiritual, mas difere dele na sua essência. Enquanto as colunas da Sacerdotisa abrem caminho ao mistério interior, as colunas da *Justiça* abrem-se para o mundo humano, onde a verdade se manifesta em atos, escolhas e consequências. A sua lei não se prende ao acaso nem à rigidez do destino, mas ao equilíbrio eterno entre ação e consciência, causa e efeito, matéria e espírito.

Esta carta manifesta o momento em que o universo pede responsabilidade e clareza. *A Justiça* ensina que não há acaso — apenas causas e efeitos, ações e respostas. Ela surge quando é preciso aceitar a verdade com humildade, compreender as lições do passado e restaurar o equilíbrio interior. A sua presença é a representação de que agir com integridade é a única forma de permanecer em paz com o próprio destino.

Palavras-Chave: karma, as consequências das tuas acções, encarar a realidade, restaurar o equilíbrio.

12 — O PENDURADO

O Pendurado representa a nova perspetiva, a consciência expandida e a mente aberta que nasce quando se aprende a ver o mundo de um ângulo diferente. Esta carta não fala de imobilidade, mas de pausa consciente — o instante em que o tempo abranda para que o espírito possa compreender o sentido oculto das coisas. É o convite à rendição tranquila, ao desapego, à aceitação do que é.

Na carta, um homem repousa num relvado verdejante, deitado de forma descontraída, com o pé direito preso por uma corda. A sua expressão é serena, quase sorridente, como quem encontrou paz na suspensão do movimento. À sua volta crescem flores delicadas, que parecem proteger o seu descanso, enquanto a natureza murmura o som do mundo a continuar sem pressa.

Ao seu lado, uma sandes deixada sobre a relva é lentamente partilhada por formigas trabalhadoras, uma clara referência à fábula portuguesa de “A Cigarra e a Formiga” (Paixão, 2007) — símbolo do contraste entre o repouso e o labor, entre o prazer do instante e a necessidade da prudência. A cena lembra que o equilíbrio entre ação e contemplação é essencial: há momentos para construir e momentos para apenas ser.

O Pendurado ensina que, às vezes, é preciso ficar imóvel para avançar, suspender o juízo para compreender, render-se ao silêncio para ouvir. O homem que descansa sob o céu torna-se

símbolo de quem vê o mundo de cabeça para baixo — e nessa inversão encontra o sentido mais elevado da existência.

Segundo Waite (1922), esta figura “sugere a vida em suspensão, mas vida e não morte”, representando o mistério da ligação entre o divino e o universo. O seu significado é profundo e velado, pois fala da consciência que desperta quando se compreende que o caminho espiritual é feito tanto de sacrifício como de revelação. *O Pendurado* é, assim, a expressão da rendição que antecede o renascimento — o presságio de uma ressurreição interior, onde a alma, liberta do peso do tempo, se eleva a uma nova forma de ser.

O ambiente é calmo e solar, uma tarde que parece fora do tempo. A luz dourada que cobre a relva revela que, mesmo na quietude, há vida e crescimento. A carta convida à contemplação e à entrega, à capacidade de soltar o controlo e de aceitar o presente como uma forma de sabedoria. *O Pendurado* é o despertar que acontece na pausa — o momento em que o corpo repousa, mas a alma desperta para uma visão mais ampla do universo.

Palavras-Chave: uma nova perspetiva, consciência expandida, estados alterados de ser, mente aberta.



Figura 63 — Carta, *O Pendurado*



Figura 64 — Carta, *A Morte*

13 — A MORTE

A Morte é o símbolo da libertação do que já não serve, o fim de um ciclo e o renascimento de um novo “eu”. Apesar do seu nome temido, esta carta não anuncia destruição, mas transformação profunda — o encerramento de um capítulo para que outro possa nascer. *A morte*, aqui, é o movimento natural da vida, o sopro que apaga uma chama apenas para acender outra.

Na carta, ergue-se uma figura envolta num manto que parece surgir da própria terra, tecido das sombras das montanhas e das cinzas do solo. O seu corpo é parte do mundo e do mistério — nem totalmente humano, nem inteiramente espírito. O cenário é sombrio e monocromático, onde o silêncio pesa e o ar parece suspenso entre o fim e o recomeço.

A figura segura uma longa gadanha, instrumento do corte e da colheita, símbolo da separação entre o velho e o novo. Na cabeça, traz um chapéu de bolsa, inspirado no traje serrano da Serra da Amarela, evocando as tradições antigas de Portugal, onde *a morte* é respeitada não como inimiga, mas como parte do ciclo sagrado da natureza.

O seu olhar é invisível, mas sente-se a presença de algo compassivo e inevitável — como a maré que regressa sempre à costa. O manto que se confunde com a terra lembra que tudo o que vive um dia regressa ao solo, apenas para florescer novamente sob outra forma.

Como recorda Waite (1922, pp. 120 – 123, Tradução Livre), “o véu ou máscara da vida perpetua-se na mudança, na transformação e na passagem do inferior ao superior”, representando não o fim, mas a elevação espiritual. Por trás da sua imagem simbólica está “todo o mundo da ascensão do espírito”, onde *a morte* não é destruição, mas transição. Assim, a carta fala do renascimento, da criação e da renovação — de uma mudança profunda de consciência que conduz à libertação interior.

Esta carta ensina que a vida exige desprendimento. *A Morte* convida à coragem de soltar o passado, de abandonar o que perdeu sentido, de aceitar o fim como promessa de renovação. O seu toque é frio, mas purificador; o seu silêncio, fértil.

Num mundo onde tudo muda, *A Morte* é a certeza e o renascimento. É o fim que prepara o começo, a noite que anuncia a aurora. Assim, ela surge não como terror, mas como libertadora — a guardiã da transição entre o que fomos e o que estamos destinados a ser.

Palavras-Chave: libertação do que já não serve, o fim de uma parte da vida, renascimento de um novo “eu” ou numa nova situação.

14 — A TEMPERANÇA

A *Temperança* é a carta da união mística, da graça e do equilíbrio sereno entre o céu e a terra, o espírito e a matéria, o que é humano e o que é divino. Representa a arte sagrada de harmonizar contrários, de encontrar a medida certa entre o sentir e o agir, o dar e o receber. É o estado de paz interior que nasce quando tudo flui com naturalidade — nem em excesso, nem em falta.

Na carta, o cenário revela as margens do Douro durante as vindimas, onde a luz dourada do entardecer cobre as vinhas maduras e o rio reflete um brilho suave, como se o próprio tempo tivesse parado para respirar (Cepa, 2023). Uma mulher, vestida com o traje tradicional do Douro, está descalça, unida à terra fértil que a sustenta. Com um gesto calmo e consciente, entorna um cesto de cachos de uvas para outro cesto alto no chão, deixando o sumo da vida fluir de um recipiente para o outro, num movimento de perfeita harmonia e continuidade.

O seu ato é simples e sagrado: traduz o equilíbrio entre o esforço e a entrega, o trabalho e a devoção, a colheita e o descanso. Cada uva que passa de um cesto ao outro é como uma gota de tempo — um instante em que o divino se mistura com o humano.

Waite (1922, p. 127) descreve que esta carta se chama “Temperança” de forma quase fantástica, pois representa *a força* que “tempera, combina e harmoniza as naturezas psíquica e material”, permitindo que o ser humano

reconheça “algo de onde veio e para onde vai”. Assim, a carta fala do domínio espiritual que equilibra as correntes opostas da vida, unindo céu e terra numa só respiração.

A *Temperança* ensina a viver com moderação e harmonia, a unir o que parecia oposto, a transformar o excesso em fluidez e a impaciência em serenidade. É a carta da paz interior e da ligação à unidade — o ponto onde o corpo, a alma e o mundo encontram o mesmo compasso.

Quando surge, lembra que o equilíbrio não é rigidez, mas movimento contínuo, tal como o rio que corre ou o vinho que nasce da uva. É a dança silenciosa da vida em estado de graça.

Palavras-Chave: união mística, graça, ligação à unidade, equilíbrio, serenidade.



Figura 65 — Carta, *A Temperança*



Figura 66 — Carta, *A Tentação*

15 — A TENTAÇÃO

A Tentação é a carta que revela a sedução da escuridão, o fascínio do proibido e o poder que nasce do confronto com as próprias sombras. Representa as correntes invisíveis que nos prendem — sejam elas o desejo, o vício, o medo ou a culpa — e lembra que a verdadeira prisão raramente é imposta de fora, mas nasce dentro de nós. É o espelho sombrio da alma, onde se escondem as verdades que tememos encarar.

Na ilustração, o cenário transporta-nos para o interior rústico de uma casa do Norte de Portugal, onde o fumo denso sobe lentamente das chamas que defumam carnes e enchidos pendurados no teto. Entre eles, um homem e uma mulher estão presos pelos tornozelos por correntes, como se também fizessem parte desse ritual ancestral.

Ela está à direita, ele à esquerda — e ambos parecem adormecidos, mergulhados num torpor que mistura prazer e dor. Partes dos seus corpos começam a perder cor, a queimar-se lentamente, como se o fogo os estivesse a consumir por dentro. Vestem apenas roupa interior com as cores da bandeira portuguesa, símbolo da humanidade comum que partilham, da carne e do sangue que os unem ao mesmo destino.

O fumo envolve tudo num véu cinzento e espesso, quase sagrado, mas também sufocante. No silêncio, há algo de ritualístico — uma lembrança dos sacrifícios antigos, da luta entre o desejo e a redenção. A chama que os consome

é a mesma que poderia purificá-los, se tivessem coragem de acordar e se libertar.

Waite (1922, pp. 128 – 131, tradução de OpenAI) descreve que as figuras associadas a esta carta possuem caudas, simbolizando a natureza animal, mas ainda conservam “inteligência humana nos rostos”, e aquele que está acima delas “não será o seu mestre para sempre”, pois também ele é prisioneiro “do mal que há em si, cego para a liberdade do serviço”. Esta leitura acrescenta profundidade à *Tentação*: o mal não é absoluto, mas reflexo de uma consciência adormecida, onde o espírito se esquece da sua própria luz.

A Tentação fala da dependência e do cinismo, da separação do espírito, mas também da oportunidade de transformação que surge quando enfrentamos o que há de mais escuro em nós. É o convite para olhar de frente o fogo interior — aquele que tanto pode queimar como iluminar.

Quando esta carta surge, lembra-nos que a liberdade não se conquista fugindo das sombras, mas reconhecendo-as. Só ao encarar o medo, o desejo e a ilusão é que o ser humano se reconcilia consigo mesmo e recupera o poder sobre a própria alma.

No fundo, *A Tentação* é o eco de uma escolha: continuar acorrentado àquilo que consome, ou despertar para a chama que purifica.

Palavras-Chave: a sedução da escuridão, dependência, cinismo, separação do espírito, enfrentar as tuas sombras.

16 — A TORRE

A *Torre* representa a mudança súbita, o despertar violento que derruba tudo o que era ilusório. É o relâmpago que rasga o céu e expõe a verdade crua, sem véus. Esta carta fala de transformações inevitáveis, de destruição que conduz à criação e do poder libertador que surge quando as estruturas rígidas — sejam crenças, relações ou identidades — se desmoronam.

Na ilustração, ergue-se o Castelo do Queijo, na cidade do Porto, símbolo de defesa e orgulho nacional, agora apanhado num instante de ruína. Um relâmpago incandescente atinge o topo da fortificação, abrindo-a como se o céu tivesse decidido intervir. O clarão ilumina as pedras antigas, fazendo-as brilhar por um breve momento antes de se desfazerem no impacto.

Do choque, dois cavaleiros em armadura são lançados em direções opostas, projetados pelo ar — um símbolo do colapso do controlo humano diante das forças divinas e do destino. As suas lanças e escudos caem junto às ondas agitadas, que batem contra as muralhas como se o próprio mar celebrasse a queda.

O céu, dividido entre luz e trevas, anuncia que o caos é apenas o prelúdio da revelação. Tudo o que se desmorona nesta carta fê-lo porque já não podia sustentar-se — a queda é necessária, o relâmpago é o mensageiro da verdade. Como observa Waite (1922, pp. 132 – 135, tradução livre), esta carta representa “a ruína da Casa da Vida, quando o mal nela prevaleceu”

e também “a derrocada de uma Casa de Falsidade”. A *Torre* é, portanto, a destruição do que foi construído sobre o engano — o colapso das ilusões que se ergueram como fortalezas, mas que não podiam resistir à verdade. Tal como refere o autor, ela “ilustra a velha verdade de que, salvo se o Senhor edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem”. A queda, então, não é mero castigo, mas uma purificação: a dissolução do falso para que o verdadeiro possa nascer.

A *Torre* é o momento em que o mundo, tal como o conhecemos, se parte ao meio — mas também o instante em que, das cinzas, nasce a possibilidade de recomeçar. É a carta do choque e do erro repentino, mas também da clareza que vem depois da queda.

Quando surge, pede coragem para aceitar o colapso das ilusões e confiança para ver além da destruição. Pois o que hoje ruína, amanhã pode ser o terreno fértil onde o novo se ergue com mais força, mais verdade e mais luz.

Palavras-Chave: mudança súbita, transformação total, destruição que conduz à criação, choque, despertar, acidente ou erro repentino.



Figura 67 — Carta, *A Torre*



Figura 68 — Carta, *A Estrela*

17 — A ESTRELA

A Estrela é o farol da alma — o símbolo da pureza, da esperança renovada e da fé no destino que se cumpre com serenidade. Depois da destruição da Torre, surge este momento de calma e de revelação silenciosa, onde tudo o que resta é o brilho suave da confiança no futuro. Representa a intenção divina e o padrão cósmico que guia, invisível, mas constante, os passos de quem acredita.

Na ilustração, uma mulher da Ribeira do Porto está sentada à beira de um riacho, envolta no murmúrio da água que corre. O seu traje tradicional, simples e autêntico, reflete a ligação à terra e à tradição portuguesa. Com um jarro pousado no colo, ela entoa água de volta ao riacho — gesto que simboliza o fluxo eterno entre o dar e o receber, entre o humano e o divino. Acima dela, o céu noturno estende-se em profundo azul, e *a Estrela* do Norte brilha com força serena, iluminando a mulher e o cenário com um esplendor quase sagrado. A luz toca-lhe o rosto e o jarro, fazendo o reflexo da água parecer dançar — como se o próprio cosmos a abençoasse.

Como descreve Waite (1922, pp. 136 – 139, tradução livre), a figura desta carta encarna “a eterna juventude e beleza”, derramando “as Águas da Vida livremente” e oferecendo “os Dons do Espírito”. A mulher da *Estrela* comunica ao mundo “a substância dos céus e dos elementos”, tornando-se o elo vivo entre o divino e o terreno. Para o autor, ela representa “a Verdade desvelada, gloriosa em sua beleza

imortal, vertendo sobre as águas da alma uma parte e medida da sua posse inestimável”. Assim, *A Estrela* manifesta a graça que alimenta a alma e a sabedoria que renasce após a purificação — a revelação luminosa que sucede à ruína, o sopro divino que restaura o equilíbrio do ser.

A cena é de paz e de recolhimento. O movimento da água liga o céu à terra, e a mulher torna-se ponte entre ambos. Nesta carta, não há pressa nem ruído — apenas a quietude da fé, a clareza da alma que se reencontra, e a certeza de que o destino segue o seu curso com propósito divino.

A Estrela lembra que, mesmo após a noite mais escura, há sempre um ponto de luz que orienta — o brilho da confiança, da esperança e da pureza interior. É o chamamento da alma para continuar, acreditando que o universo conspira, em silêncio, a favor da verdade e da renovação.

Palavras-Chave: pureza, esperança, destino, o padrão do cosmos, intenção divina, fé.

18 — A LUA

A *Lua* é o espelho do inconsciente, o véu que cobre e ao mesmo tempo revela. Representa os sonhos, as emoções profundas e a intuição que sussurra verdades que a razão ainda não compreende. É o domínio do mistério feminino, onde tudo se move com suavidade, mas também com engano — um reflexo encantado que tanto guia como confunde.

Na ilustração, *a lua* cheia domina o céu, derramando a sua luz prateada sobre uma praia silenciosa. O brilho ondula nas águas, desenhando caminhos luminosos que parecem levar ao desconhecido. No centro da cena, um lobo ibérico ergue o focinho e uiva para *a lua*, chamando a atenção para o elo antigo entre a terra selvagem e o firmamento.

Ao longe, na penumbra azulada, surge a ilusão de uma sereia sentada sobre um rochedo. A sua figura parece real e ao mesmo tempo etérea, um símbolo das seduições do inconsciente e dos mistérios que vivem entre o sonho e a vigília. Mais perto, sobre outra rocha, repousam um caranguejo e um búzio, guardiões das marés e da sabedoria oculta que habita nas profundezas.

A carta respira mistério e intuição. A luz da lua não revela tudo — apenas o suficiente para guiar quem ousa seguir o caminho da alma. O caranguejo, que emerge e recua com as marés, recorda a natureza cíclica da compreensão; o búzio, quando ouvido, traz o som do mar, como se contasse segredos antigos; e a sereia, bela e

distante, convida a escutar a voz interior sem se deixar perder na ilusão.

Como descreve Waite (1922, pp. 140 - 143), “o cão e o lobo representam os temores da mente natural diante do portal do desconhecido, onde apenas a luz refletida pode guiar”. Essa luz intelectual, segundo o autor, é apenas um reflexo — “além dela existe o mistério desconhecido que não pode ser revelado”. A presença dessas criaturas, junto daquilo que “emerge das profundezas”, simboliza as forças instintivas e inconscientes que procuram manifestar-se, mas que muitas vezes “recuam ao abismo de onde vieram”. Diante desse movimento, “o rosto da mente contempla serenamente a agitação abaixo”, enquanto “o orvalho do pensamento desce e a mensagem é: Paz, acalma-te”.

Assim, *A Lua* revela o confronto entre a razão e o instinto, entre a mente que observa e o inconsciente que clama por forma — um diálogo silencioso entre o medo e a revelação.

A Lua é o portal para o Grande Mistério — o reino onde o visível e o invisível se tocam. É o convite para confiar no instinto, mergulhar na intuição e deixar que a verdade se revele lentamente, como a maré que recua para mostrar o fundo do oceano.

Palavras-Chave: sonhos, compreensão revelada lentamente, mistérios femininos, intuição, o “Grande Mistério”.



Figura 69 — Carta, *A Lua*



Figura 70 — Carta, *O Sol*

19 — O SOL

O Sol é a carta da felicidade plena, da libertação da dor e do renascimento em luz. É o momento em que o coração se abre e o mundo responde em brilho e calor. Representa o crescimento em direção à verdade, o calor do amor e *a força* vital que dissolve as sombras. Onde antes havia dúvida, agora há clareza; onde havia medo, há riso e confiança.

Na ilustração, *O Sol* ocupa o centro do céu, radiando em tons dourados e vivos, inundando de luz um campo de girassóis que se inclinam para ele, como almas que procuram o seu criador. O cenário vibra em harmonia, cada pétala refletindo a promessa de um novo começo.

Ao fundo, duas crianças brincam sob a benção solar. A menina, de costas, aponta para *o Sol*, maravilhada com a sua beleza. À sua frente, o menino segura uma rosa, estendendo-a para ela com ternura. Do regaço da sua camisola brotam outras rosas vermelhas e brancas, ecoando o Milagre das Rosas da Rainha Santa Isabel, quando as flores surgiram milagrosamente do seu regaço diante do Rei D. Dinis — um símbolo eterno da pureza, da fé e do amor que transforma (Pinheiro, 2014).

O campo em volta vibra com uma energia quase sagrada. O ar é quente e suave, e o riso das crianças mistura-se com o murmúrio dos girassóis que dançam à brisa. Tudo nesta carta respira vida, inocência e plenitude.

Como descreve Waite (1922, pp. 144 - 147), “a carta representa a passagem da luz manifesta deste mundo, simbolizada pelo sol glorioso da terra, para a luz do mundo por vir — aquela que precede a aspiração e é tipificada pelo coração de uma criança.”

Esta visão revela que *O Sol* não é apenas o astro físico, mas a consciência espiritual em estado puro — a luz direta, oposta à luz refletida. A humanidade aqui é representada por uma criança: simples, inocente e sábia, portadora do selo da Natureza e da Arte. Nessa pureza, diz o autor, “ele significa o mundo restaurado” — o estado em que o espírito regressa à sua origem luminosa, livre de véus e sombras.

O Sol recorda-nos que, depois da noite e do medo, chega sempre o amanhecer — e que o poder da luz é o poder do amor em estado puro. Esta carta é a promessa de que a alegria é possível, de que o espírito cresce quando se volta para a claridade, e de que cada pétala que se abre é uma celebração da existência. É o símbolo da alma liberta e da confiança total na vida.

Palavras-Chave: felicidade, libertação da dor, crescimento em direcção à luz, o calor do amor.

20 — O JULGAMENTO

O Julgamento é a carta do renascimento espiritual — o instante em que a alma é chamada à autoavaliação, à confissão e ao perdão, libertando-se do peso da culpa para finalmente ascender à verdade. É o toque da trombeta que desperta o adormecido, o eco que nos recorda que toda ação tem consequência, e que só através da consciência e do arrependimento nasce a verdadeira liberdade. Representa a prova suprema, o momento em que o passado e o destino se encontram sob o olhar da eternidade.

Na ilustração, o episódio trágico do regicídio de Lisboa, em 1908, é recriado num plano simbólico, transformado em visão mística e alegórica. O cenário é o mesmo caminho de terra dourada da carta *A Carroça*, agora tingido de tensão e de destino. No centro, a rainha, erguida em gesto de coragem, afugenta uma esfinge alada que sobrevoa a cena — símbolo da prova final, da sabedoria que testa os corações humanos. Ao lado, o chauffeur ergue uma corneta, o chamado divino que desperta as almas e marca o momento da verdade.

Mais à frente, um corpo branco jaz no caminho, imóvel — o símbolo da vida interrompida, do sacrifício que antecede a purificação. Próximo dele, o atirador dispara, enquanto um policial devolve o fogo, encenando o ciclo inevitável da ação e da reação, do crime e da justiça. Tudo parece suspenso no instante entre o fim e o renascimento.

O céu, tingido de cinza e ouro, vibra com uma luz que vem de dentro, sugerindo que, mesmo no caos e no sofrimento, há um chamado à

redenção. O som da corneta é o sopro divino que atravessa o tempo, convidando cada alma a olhar para si e reconhecer os seus atos, a libertar-se do peso que a prende à dor e a caminhar em direção à luz.

Como escreve Waite (1922, pp. 148 - 151), “é a carta que regista o cumprimento da grande obra de transformação, em resposta ao chamamento do Supremo — um chamamento que é ouvido e respondido a partir do interior.” O autor interroga: “O que há dentro de nós que faz soar a trombeta, e tudo o que é inferior na nossa natureza se ergue em resposta — quase num instante, quase num piscar de olhos?”

Assim, *O Julgamento* não é apenas o eco de um anjo celeste, mas a voz interior do espírito que desperta o divino em nós. Para os que veem apenas a superfície, ele pode permanecer o Último Julgamento e a ressurreição do corpo; mas, para os que têm olhos voltados para dentro, é o símbolo da alma que desperta e reconhece a sua própria luz.

O Julgamento é o confronto entre o humano e o eterno — entre o erro e o perdão, entre a queda e a ressurreição. É a carta da verdade que cura, da culpa que se dissolve e da vida que renasce quando o coração aceita ser visto por inteiro. O que cai, renasce; o que morre, desperta. Pois *O Julgamento* não é o fim — é o recomeço de uma alma reconciliada com o seu próprio destino.

Palavras-Chave: auto-avaliação, confissão e perdão, libertação da culpa, renascimento, a prova suprema.



Figura 71 — Carta, *O Julgamento*



Figura 72 — Carta, *O Mundo*

21 — O MUNDO

O Mundo é o fim e o princípio — o ponto em que todas as jornadas se encontram e o espírito, finalmente, reconhece o seu lugar no todo. Representa a conclusão, a perfeição alcançada e o equilíbrio dos elementos que se unem em harmonia divina. É a saída triunfante do limbo, o momento em que o ser desperta plenamente e compreende que cada passo, cada dor e cada vitória o conduziram à totalidade.

Na ilustração, sobre o globo azul e verde que simboliza a Terra, ergue-se a Padeira de Aljubarrota, heroína do povo português, figura de coragem e justiça (RTP, n.d.). Ela surge ativa e luminosa, segurando sobre o ombro a pá do pão — o instrumento simples que se tornou símbolo de força e resistência — e, na outra mão, a bandeira de Portugal. Ao seu lado, um par de algemas abertas reflete a libertação e o triunfo da alma sobre as suas prisões.

O seu olhar é firme e sereno, e o seu corpo parece envolto por uma luz que nasce do próprio mundo. Debaixo dos seus pés, o planeta vibra em movimento — símbolo da harmonia viva entre o espírito e a matéria. O céu ao redor está pintado de tons dourados e azuis, representando a união entre o humano e o divino, entre a Terra e o Céu.

Tudo nesta carta celebra o equilíbrio, o reencontro e a comunhão. Os quatro elementos — fogo, ar, terra e água — giram em perfeita sintonia, sustentando o ciclo dos *Arcanos*

Maiores no seu ponto máximo: a alma que se reconhece inteira. Como descreve Waite (1922, pp. 156 - 159), “esta mensagem final dos *Arcanos Maiores* permanece inalterada — e, de facto, é inalterável — quanto ao seu desígnio profundo: representa a perfeição e o fim do Cosmos, o segredo que nele habita, o êxtase do universo quando se compreende a si mesmo em Deus.”

Assim, *O Mundo* é mais do que a vitória espiritual — é a revelação da unidade divina em todas as coisas, o instante em que o universo desperta para a consciência do seu próprio propósito.

Ao erguer a bandeira, a Padeira não representa apenas uma nação — representa a humanidade que se liberta da ilusão da separação, o triunfo da consciência que percebe que tudo é Um. Assim, *O Mundo* encerra o ciclo dos *Arcanos Maiores* com a certeza de que o caminho foi cumprido. O que antes era busca, agora é realização; o que antes era fragmento, agora é totalidade.

É o coroamento da jornada — o momento em que o espírito, em paz, dança sobre o mundo, iluminado pela sabedoria do Todo.

Palavras-Chave: conclusão, perfeição do todo, equilíbrio dos elementos, uma saída triunfante do limbo.

► CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES E INVESTIGAÇÃO FUTURA

Este relatório foi integralmente concebido e redigido pelo autor. Foram utilizadas ferramentas de apoio à escrita baseadas em inteligência artificial exclusivamente para revisão linguística e correção formal, não tendo influenciado a estrutura, a argumentação, ou, o conteúdo académico do trabalho.

O projecto teve como objectivo o desenvolvimento de um baralho de Tarot ancorado na cultura portuguesa, incidindo particularmente na criação das cartas do *Arcano Maior* e de um manual de guia destinado a acompanhar a sua utilização. A investigação permitiu articular métodos do design de comunicação com abordagens de investigação visual e etnográfica, resultando num artefacto que procura estabelecer um diálogo entre simbologias tradicionais do Tarot e elementos culturais específicos do imaginário português.

A criação deste baralho demonstrou que é possível reinterpretar sistemas simbólicos universais através de referências culturais localizadas, sem comprometer a legibilidade e a função original do objecto. A incorporação de iconografias, mitos, paisagens e convenções gráficas portuguesas revelou-se um contributo significativo para a expansão contemporânea do Tarot enquanto meio visual, reforçando o papel do design de comunicação como disciplina capaz de revitalizar patrimónios culturais. Deste modo, o trabalho desenvolvido representa uma contribuição relevante para o conhecimento académico e para a prática profissional, ao evidenciar a pertinência do design na construção de narrativas visuais culturalmente situadas.

No que respeita às possíveis aplicações, o baralho e o manual de guia apresentam potencial tanto em contextos lúdicos e introspectivos como em enquadramentos educativos, museológicos ou turísticos, contribuindo para a valorização da identidade cultural portuguesa. Em termos de disseminação, o projecto pode ser adaptado a suportes digitais, exposições, oficinas de mediação cultural ou edições especiais, ampliando

a sua acessibilidade a diferentes públicos.

Apesar dos resultados alcançados, importa reconhecer os limites do estudo. A investigação focou-se exclusivamente no *Arcano Maior*, deixando por explorar o desenvolvimento do Arcano Menor e de eventuais expansões narrativas ou gráficas que poderiam enriquecer o sistema simbólico do baralho. Adicionalmente, a validação do projecto junto de utilizadores foi realizada de forma limitada, o que restringe conclusões mais robustas sobre a sua usabilidade, interpretação simbólica e impacto comunicacional. Do ponto de vista metodológico, seria igualmente relevante aprofundar análises comparativas com outros baralhos culturalmente contextualizados, bem como integrar contributos de especialistas de áreas complementares, como antropologia visual, psicologia simbólica ou estudos do património.

Para investigação futura, recomenda-se a continuação do desenvolvimento do baralho através da criação completa do Arcano Menor, permitindo uma leitura mais abrangente e coerente do sistema do Tarot. Sugere-se também a realização de estudos de utilizadores mais extensivos, que avaliem a eficácia comunicacional das escolhas gráficas e simbólicas, bem como a sua adequação a diferentes perfis de público. A implementação de versões digitais interactivas constitui igualmente uma via promissora, possibilitando explorar novas formas de mediação, acessibilidade e participação. Por fim, a reflexão teórica sobre a adaptação de sistemas simbólicos universais a contextos culturais específicos poderá contribuir para o avanço do conhecimento na área do design de comunicação, oferecendo enquadramentos conceptuais aplicáveis a projectos futuros.

Em síntese, este projecto demonstra que a articulação entre design, cultura e simbolismo pode gerar artefactos significativos e contemporâneos, abrindo novas perspectivas para a investigação e prática no domínio do design de comunicação.

► REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bartlett, S. (2021). *The Book of Tarot Decks : The History, Symbolism and Design of over 50 Decks* (2nd ed., p. 60). Frances Lincoln Publishers LTD. (Original work published 2020)

- Bazin, G. (1962). *A Concise History of Art: Vol. Part 1* (1st ed., pp. 228–249). Thames and Hudson.
- Cepa, D. (2023, October 22). “*Vindimas e Pinga com fartura*”, crónica por Augusto Gil - *Jornal O Almeirinese*. *Jornal O Almeirinese*. <https://almeirinese.pt/2023/10/22/vindimas-e-pinga-com-fartura-cronica-por-augusto-gil/>

- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2001). DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. In F. Pires dos Santos (Ed.), & V. da Costa e Silva, R. de Sá Barbosa, A. Melim, & L. Melim (Trans.), *Internet Archive* (16th ed.). JOSÉ OLYMPIO. <https://archive.org/details/dicionario-de-simbolos-mitos-sonhos-costumes-formas-figuras-cores-numeros/page/n29/mode/2up> (Original work published 1982)

- Cole, S. (1994). *Mulheres da praia: Vol. Portugal de Perto | 31* (Etnográfica Press, Ed.; pp. 19–46). Etnográfica Press. <https://books.openedition.org/etnograficapress/3646>

- Colegio San Agustín - El Paraíso. (2015, October 1). *Lendas de Portugal.docx*. Scribd; Sujey De Sousa. <https://www.scribd.com/doc/283363927/Lendas-de-Portugal-docx>

- Connolly, D. (2023). *Saints ILLUSTRATED* (A. Brownbridge, Ed.). Amber Books.

- Crowley, A. (2015). *The Book of Thoth : a short essay on the Tarot of the Egyptians, being The Equinox: Vols. III no.V* (35th ed.). Weiser Books. <https://archive.org/details/bookofthothshort0000crow/mode/2up> (Original work published 1944)
- Doyle, S., Grove, J., & Sherman, W. (2019). *History of illustration*. Fairchild Books, An Imprint Of Bloomsbury Publishing. <https://archive.org/details/history-of-illustration/mode/2up> (Original work published 2019)
- DuQuette, L. M. (2003). Understanding Aleister Crowley's Thoth Tarot. In *Internet Archive*. Weiser Books. <https://archive.org/details/LonMiloDuquette-UnderstandingAleisterCrowleysThothTarot-2002>
- Eskilson, S. (1964). Graphic design : a new history. In *Internet Archive*. Yale University Press. <https://archive.org/details/graphicdesignnew00eski/page/n7/mode/2up>
- Farley, H. (2009). *A Cultural History of Tarot: From Entertainment to Esotericism*. CPI Antony Rowe.
- Fernandes, M. J. (2025, February 10). *D. Pedro I, o Romeu português - RTP Ensina*. RTP Ensina. <https://ensina.rtp.pt/artigo/d-pedro-i-1320-1367/>
- Greer, J. M. (2004). *The New Encyclopedia of the Occult* (2nd ed., pp. 465–469). Llewellyn Publications. <https://archive.org/details/newencyclopediao0000gree/page/468/mode/2up> (Original work published 2003)

- Gurney, J. (2010). *Color and Light, A Guide for the Realistic Painter* (pp. 28–86, 110–118, 136–148, 174–204). Andrews McMeel Publishing, LLC.
- Hill, K. (1996). *2000+ Tarot Reviews: Find the Perfect Deck | Aeclectic Tarot*. Wwww.aeclectic.net. <https://www.aeclectic.net/tarot/>
- Holly Adams Easley, & Archer, E. J. (2021). *The History of Tarot Art*. Quarto Publishing Group Uk.
- Honors Curriculum Program of Alcorn State University. (2011). *cognita* (L. Konecky, Ed.; pp. 19–28). Alcorn State University.
- Hundley, J. (2020). *Tarot. The Library of Esoterica*. (1st ed.). TASCHEN.
- Jung, C. G. (1968). *The archetypes and the collective unconscious* (2nd ed., Vol. 9). Princeton University Press. (Original work published 1957)
- Junta de Freguesia de Fátima. (2024). *História | Sobre Fátima*. Junta de Freguesia de Fátima. <https://www.freguesiadefatima.pt/pt/sobre-fatima/historia>
- Kerrigan, M. (2021). *Classic Symbols* (M. Spilling, Ed.). Amber Books.
- Loomis, A. (1943). *Figure Drawing For All It's Worth* (pp. 26–42, 138–143). https://archive.org/details/loomis_FIGURE_draw/mode/2up

- Male, A. (2007). *Illustration, A Theoretical & Contextual Perspective*. AVA Publishing SA.
- Mattoso, J. (1993). História de Portugal. In *Internet Archive* (Vol. 2). Editorial Estampa. https://archive.org/details/historiadeportug0000unse_f1u2/page/n5/mode/2up
- Millar, A. (2023, October 13). *Freemasonry and The Hermetic Order of the Golden Dawn*. Southern California Research Lodge. <https://www.theresearchlodge.com/further-light/freemasonry-and-the-hermetic-order-of-the-golden-dawn>
- Müller, J., & Wiedemann, J. (2023). *The history of graphic design* (pp. 43, 62). Taschen.
- O’Grady, J. V., & O’Grady, K. V. (2017). *A designer’s research manual : succeed in design by knowing your clients + understanding what they really need* (2nd ed., pp. 14, 54–58, 62). Rockport, An Imprint Of The Quarto Group. (Original work published 2017)
- P. D. Ouspensky, P. D. (n.d., 2025, January 3). *What is a Tarot? In The Symbolism of the Tarot*.
- Paixão, T. (2007). *A Cantiga da Cigarra e da Formiga - RTP Ensina*. RTP Ensina. <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-cantiga-da-cigarra-e-da-formiga/>
- Pedri, N., & Petit, L. (2013). *Picturing the language of images*. Cambridge Scholars Publishing.

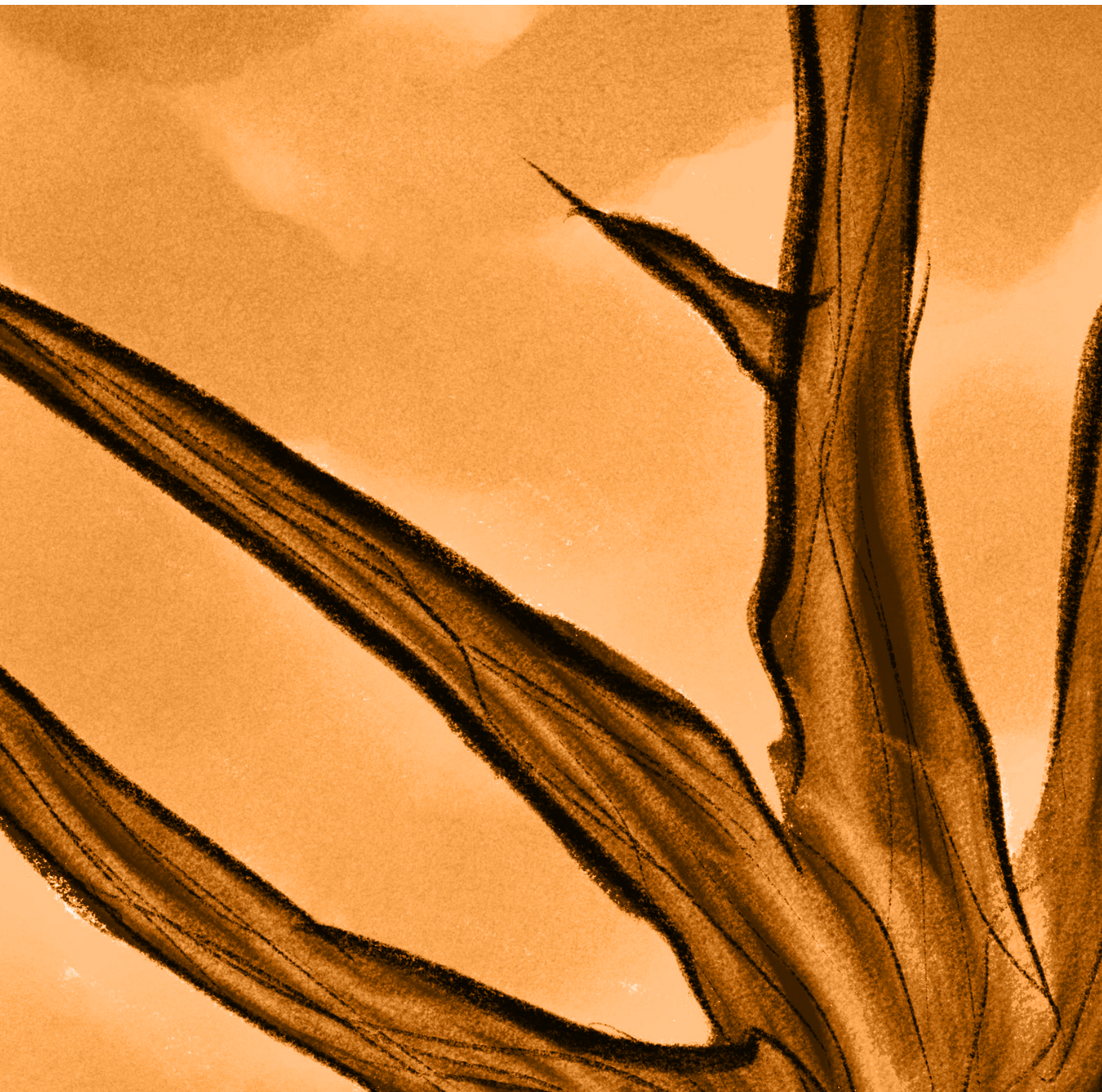
- Peixoto, R. (1990). *Etnografia portuguesa: Vol. Portugal de Perto | 20* (Etnográfica Press, Ed.; pp. 222–270). Etnográfica Press. <https://books.openedition.org/etnograficapress/4216>
- Pereira Magno, A. (1900). *Mitologia* (J. Rodrigues & C.a, Ed.). J.Rodrigues & C. <https://archive.org/details/mitologiahistr00magnuoft/mode/2up>
- Pinheiro, P. M. (2014). *O Tesouro da Rainha Santa Isabel - RTP Ensina*. RTP Ensina. <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-tesouro-da-rainha-santa-isabel/>
- Rivers, C. (2004). Maximalism : the graphic design of decadence & excess. In *Internet Archive*. Rotovision. <https://archive.org/details/maximalismgraphi0000rive/mode/2up>
- RTP. (n.d.). *Brites de Almeida, padeira de Aljubarrota - RTP Ensina*. RTP Ensina. Retrieved September 18, 2025, from <https://ensina.rtp.pt/artigo/brites-de-almeida-padeira-de-aljubarrota/>
- RTP. (2012). *D. Sebastião, o rei mito*. RTP Ensina. <https://ensina.rtp.pt/artigo/d-sebastiao-1554-1578/>
- Saraiva, J. (2013). *O Álbum Narrativo em Portugal na Passagem do Século XX para o Século XXI: Um Estudo sobre a Relação entre a Ilustração e o Leitor-modelo* [Doutoramento].
- Waite, A. E. (1922). *The Pictorial Key to the Tarot* (2nd ed.). Butler & Tanner. (Original work published 1910)

▸ Wang, S. (2023). *Printing Design for Graphic Designers* (2nd ed.). Hoaki. (Original work published 2018)

▸ Wasserman, J. (1978). *Instructions for Aleister Crowley’s Thoth Tarot Deck* (L. Araujo, Ed.; pp. 3–4). U.S. Games Systems.

▸ Weatherstone, Iúnea, & Filadoro, M. (2021). *TAROT MUCHA* (pp. 6–9). Lo Scarabeo.

▸ Weird Works LLC. (n.d.). *ELDRITCH OVERLOAD TAROT DECK*. Weird.works; Weird Works. Retrieved March 2, 2025, from https://www.weird.works/peculiar-products/p/eldritch-overload-tarot?srsltid=AfmBOopfmiFLKmKRtb_7O1H47WN0vPg-C5Jpsmt9sxdlau92TNaWE83E





esad
arte+
design

